



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

EUGÊNIA DE JESUS SÁ

**Picoense Clube:** lazer e sociabilidades na cidade de Picos-PI (décadas de 1960 a 1980)

PICOS – PIAUÍ

2023

EUGÊNIA DE JESUS SÁ

**Picoense Clube:** lazer e sociabilidades na cidade de Picos-PI (décadas de 1960 a 1980)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S111p** Sá, Eugênia de Jesus

Picoense Clube : lazer e sociabilidades na cidade de Picos - PI (décadas de 1960 a 1980) [recursos eletrônicos] / Eugênia de Jesus Sá - 2023.

58 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo- CSHNB Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos, 2023.

"Orientador: Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos"

1. História - cidade. 2. História - memória. 3. Picoense Clube - sociabilidade. 4. Picos - PI. I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título.

**CDD 981.22**

**Emanuele Alves Araújo CRB 3/1290**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e três (23) dias do mês de março de 2023, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **EUGÊNIA DE JESUS SÁ** sob o título **Picoense Clube: lazer e sociabilidades na cidade de Picos-PI (décadas de 1960 a 1980)**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinadora 1: Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha  
Examinadora 2: Profa. Esp. Ana Ester de Matos Silva

Deliberou pela **APROVAÇÃO** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0**.

Picos (PI), 23 de agosto de 2023.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador (a) 1: Olívia Candeia Lima Rocha  
Examinador (a) 2: Ana Ester de Matos Silva

## AGRADECIMENTOS

Ter chegado nessa etapa da graduação me fez enxergar que um sonho, o qual muitas vezes pareceu impossível, está cada dia mais perto de se concretizar. Agora, estou quase concluindo o último período do curso, não satisfeita, mas extremamente feliz por tudo que aprendi durante esses cinco anos de curso (eram para ser quatro anos e meio, mas a pandemia de COVID-19 estendeu a minha duração na Universidade Federal do Piauí).

Estar cada vez mais perto de concluir essa etapa na minha vida é bastante gratificante. Foram anos em que tive que lidar cotidianamente com dificuldades financeiras e emocionais. Então, confesso que não foi e não está sendo fácil para mim, principalmente nessa reta final do curso, a qual demanda mais esforços, pois tenho que conciliar um trabalho integral com as atividades provenientes da Universidade.

Não obstante, apesar dos empecilhos, sou grata por todos os ensinamentos que recebi até aqui. Não me refiro apenas aos ensinamentos teóricos da grade curricular do curso de História, mas sim por todos os aprendizados que servem para serem utilizados diariamente durante a vida profissional e pessoal.

No decorrer dessa trajetória, conheci muitas pessoas, e hoje sou grata pelo privilégio de poder chamar algumas delas de amigos (as). E, nesse momento, eu só tenho a agradecer a minha família, aos meus amigos e colegas que, frequentemente ou em algum momento deste percurso, me ajudaram direta ou indiretamente para que eu pudesse chegar até aqui. Meus agradecimentos às pessoas que me auxiliaram durante a realização das pesquisas, as que aceitaram ser entrevistadas, bem como as que me forneceram fontes históricas e/ou outros tipos de informações, as quais sempre foram de suma importância para esse trabalho se concretizar.

Por fim, mas não menos importante, fica registrada aqui minha gratidão e admiração ao meu orientador, Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, pelas oportunidades que me forneceu, pela dedicação à docência, e por ser essa pessoa tão incrível, que nos inspira em como devemos ser.

## RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa que teve como objeto central de estudo a Sociedade Civil Picoense Clube, localizada na cidade piauiense de Picos, durante as décadas de 1960 a 1980. Ao utilizar como fontes históricas os relatos orais dos frequentadores do clube, bem como iconografias, foram analisados os variados tipos de eventos que culminaram nas sociabilidades desenvolvidas nesse espaço de lazer do bairro centro. As discussões teóricas do trabalho se amparam em autores como: Sandra Pesavento (2007), Ecléa Bosi (2003) e Ana Fani Carlos (2007). O trabalho apontou, por meio de uma abordagem sobre história, memória, cidade e sociabilidades, as representações acerca da cidade de Picos na memória dos seus moradores, durante os anos de 1960 a 1980, o processo de fundação do Picoense Clube, os eventos nele promovidos e, o perfil dos sujeitos pelo qual ele era predominantemente frequentado.

**Palavras-chave:** História e Cidade. História e Memória. Picoense Clube. Picos-PI. Sociabilidade.

## ABSTRACT

This work is the result of the research that had as its central object of study the Civil Society Picoense Club, located in the city of Picos, Piauí, during the decades from 1960 to 1980. By using as historical sources the oral accounts of the club's regulars, as well as iconographies, the various types of events that culminated in the sociabilities developed in this leisure space of the downtown neighborhood were analyzed. The theoretical discussions of the work are supported by authors such as: Sandra Pesavento (2007), Ecléa Bosi (2003) and Ana Fani Carlos (2007). The work pointed out, through an approach on history, memory, city and sociabilities, the representations about the city of Picos in the memory of its residents, during the years 1960 to 1980, the process of founding the Picoense Club, the events promoted in it and the profile of the subjects by which it was predominantly attended.

**Keywords:** History and City. History and Memory. Picoense Club. Peaks-PI. Sociability.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Vista aérea de Picos, na década de 1950. ....	17
<b>Figura 2:</b> Rua São José, Centro de Picos, em mar. 1960.....	24
<b>Figura 3:</b> Prédio da Rádio Guaribas, em mar. 2023. ....	29
<b>Figura 4:</b> Prédio onde funcionou o Picoense Clube, na década de 1960. ....	30
<b>Figura 5:</b> Sociedade Civil Picoense Clube, 2022. ....	32
<b>Figura 6:</b> Vista aérea do Picoense Clube, destacando sua localização, em fev. 2023.....	33
<b>Figura 7:</b> Festa no Picoense Clube na década de 1950. ....	34
<b>Figura 8:</b> Carteira de Sócio Convidado da Sociedade Civil Picoense Clube, 1969. ....	39
<b>Figura 9:</b> Título de Sócio Patrimonial da Sociedade Civil Picoense Clube, 1979. ....	40
<b>Figura 10:</b> Colação de grau, no Picoense Clube, 1966.....	42
<b>Figura 11:</b> Carnaval no Picoense Clube, 1973. ....	44
<b>Figura 12:</b> Show da banda Os Rebeldes no Picoense Clube, c. de 1969 a 1974.....	45
<b>Figura 13:</b> Desfile no Picoense Clube, década de 1960. ....	47



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 NOS PICOS DA MEMÓRIA: representações da cidade de Picos-PI, na memória de seus moradores nas décadas de 1960 a 1980 .....</b>	<b>17</b>
<b>3 O PICOENSE CLUBE E AS SOCIABILIDADES NA “CIDADE MODELO”.....</b>	<b>28</b>
3.1 A criação do Picoense Clube .....	28
3.2 Lazer e sociabilidades no Picoense Clube nas décadas de 1960 a 1980 .....	35
3.2.1 O perfil dos frequentadores do Picoense Clube.....	36
3.2.2 Práticas cotidianas e sociabilidades no Picoense Clube .....	41
3.2.3 A importância social do Picoense Clube, para seus frequentadores.....	50
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De início, é válido pontuar que esse trabalho não tem como intuito enfatizar a história dos considerados “grandes” acontecimentos e/ou homens, pois, com as renovações e ampliações historiográficas que ocorreram na segunda metade do século XX, foi proporcionado acrescer o estudo sobre variadas temáticas, entre elas, a de *ciudades*, para que ela começasse a ser investigada nas suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, segundo a historiadora Sandra Pesavento, além das suas construções e demais materialidades, e das sensibilidades que ela desenvolve, a urbe é composta pelas sociabilidades que são proporcionadas nela. Nas palavras da autora:

(...) a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas todas que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Ao discutir acerca da definição de cidade, Raquel Rolnik (1995) expressa que “Na busca de algum sinal que pudesse apontar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, a imagem que me veio à cabeça foi a de um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens.” (ROLNIK, 1995, p. 12). A partir do excerto que retrata essa metáfora, podemos refletir que a Sociedade Civil Picoense Clube funcionou como um ímã para a cidade de Picos durante as décadas de 1960 a 1980, tendo em vista que era um espaço que atraía e aglomerava os cidadãos para sociabilizarem.

De acordo com Pierre Nora (1993), “(...) a memória perdura-se em lugares, como a história em acontecimentos.” (NORA, 1993, p. 25). Nesse sentido, de acordo com essa ideia, entendemos a Sociedade Civil Picoense Clube enquanto um lugar de memória da urbe picoense, durante as décadas de 1960 a 1980.

Obtivemos essa constatação através do fato que, para esse historiador, os lugares de memória são espaços que, além da sua materialidade, possuem simbologia e funcionalidade. Nesse sentido, o Picoense Clube, além de ser um local concreto/material, era composto pela sua funcionalidade de espaço de lazer para reunir os cidadãos e proporcioná-los momentos memoráveis.

Sendo assim, nesta pesquisa monográfica, estudamos a Sociedade Civil Picoense Clube, ou somente Picoense Clube, nomenclatura que é frequentemente utilizada pelos cidadãos de

Picos, urbe onde esse lugar de lazer e sociabilidades está situado. Essa instituição foi fundada no ano de 1954 e a atual sede do clube foi construída na década de 1960, durante a gestão do presidente José Neves Costa, na rua Monsenhor Hipólito, centro de Picos-PI, onde funciona até hoje.

A respeito do recorte temporal, foram escolhidas para serem investigadas, as décadas de 1960 a 1980, porque correspondem aos primeiros anos que sucedem a fundação do Picoense Clube, nos quais o espaço foi bastante movimentado, devido à realização de diversificados eventos frequentemente, até a década de 1980, momento em que o clube passou por um período de crise.

O presente estudo, desenvolvido nesta monografia, iniciou-se com um Projeto de Pesquisa Interno (PROPESQI – Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação / Registro: CSHNB-235-2021), da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI-CSHNB), intitulado “História, cidades e memória: abordagens históricas sobre o viver urbano” e, coordenado pelo Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos. Iniciado no mês de outubro de 2021 e concluído em setembro de 2022. O projeto estava vinculado ao Curso de Licenciatura Plena em História – UFPI/CSHNB; aos Grupos de Pesquisa do CNPq “Cidade, Tempo e Espaço” e, “História, Cidades e Memória”; e, ao Grupo de Trabalho da Anpuh-PI “História, Cidades e Memória”.

Esses estudos continuaram em um Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária – ICV-UFPI, com título “História, cidades e memória: abordagens históricas sobre o viver urbano” (PROPESQI – Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação / Registro: PI 9665-2022 / Vigência: 01 de setembro de 2022 a 31 de agosto de 2023), coordenado e orientado pelo referido professor.

Então, dando continuidade às pesquisas anteriores, neste trabalho buscamos *investigar*, dentre outros elementos, as representações acerca da cidade de Picos, bem como da Sociedade Civil Picoense Clube durante as décadas de 1960 a 1980 na memória de alguns dos seus cidadãos. Procuramos *identificar* qual era o perfil das pessoas que frequentavam o Picoense Clube durante o período escolhido para o estudo, quais eram as práticas cotidianas e as sociabilidades que promoviam a frequência desse ambiente naquela época, bem como a importância que ele teve para seu público, diante dos eventos realizados nele.

Para alcançar esses objetivos, utilizamos fontes orais e imagéticas. Realizamos 7 entrevistas, do tipo temática, com pessoas que foram frequentadoras do Picoense Clube, durante

o nosso recorte temporal. São elas: Albano Silva<sup>1</sup>, Hildegardo Santos Leal<sup>2</sup>, João Pereira Filho<sup>3</sup>, Maria Alveni Barros Vieira<sup>4</sup>, Maria Oneide Fialho Rocha<sup>5</sup>, Odorico Leal de Carvalho<sup>6</sup> e Valdemar Barroso Silva<sup>7</sup>.

Ademais, procuramos e analisamos iconografias disponibilizadas pelos entrevistados, bem como encontradas nas redes sociais e, quando possível, realizamos o cruzamento delas com os relatos orais, a fim de dar mais veracidade para as informações.

Segundo Ecléa Bosi (2003),

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época! O que se dá se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo... (BOSI, 2003, p. 16-17).

Por conta disso, conforme já citamos, com o intuito de obter informações sobre a instituição selecionada para essa pesquisa, aproveitamos esse privilégio de poder contar com o depoimento de pessoas vivas. Então, utilizamos como fontes históricas principalmente os relatos orais<sup>8</sup> de sujeitos que foram frequentadores do clube, a fim de aguçar a memória dos picoenses entrevistados sobre a temática, os quais alguns ainda possuem vínculo com a instituição na atualidade.

---

<sup>1</sup> Albano Silva nasceu no dia 27 de fevereiro de 1944. Ele é desenhista mecânico, mas atualmente é o diretor do museu Ozildo Albano. A entrevista foi realizada de forma presencial, em 26 de julho de 2022.

<sup>2</sup> Hildegardo Santos Leal nasceu no dia 2 de agosto de 1960, é agente de saúde pública do Ministério da Saúde. Foi frequentador do Picoense Clube durante a sua juventude e atualmente mora na cidade de Sussuapara-PI. A entrevista foi realizada de forma presencial, em 26 de janeiro de 2022.

<sup>3</sup> João Pereira Filho é formado em Ciências Contábeis e foi comerciante durante parte de sua vida. Nasceu no dia 22 de agosto de 1944 e atualmente ainda reside na cidade de Picos, no bairro Centro, e é sócio do Picoense Clube. A entrevista foi realizada de forma presencial, em 26 de janeiro de 2022.

<sup>4</sup> Maria Alveni Barros Vieira nasceu em 12 de maio de 1967. É professora da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, desde 1995. A entrevista foi realizada via plataforma digital Google Meet, em 19 de junho de 2023.

<sup>5</sup> Maria Oneide Fialho Rocha tem 76 anos de idade, reside no centro de Picos-PI, e é professora aposentada da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. A entrevista foi realizada de forma presencial, em 3 de janeiro de 2023.

<sup>6</sup> Odorico Leal de Carvalho nasceu no dia 2 de novembro do ano de 1950. Atualmente é aposentado do Banco do Brasil, Jornalista e Advogado. O entrevistado residia em Bocaina e mudou-se para a cidade de Picos na década de 1960, onde mora até hoje. Devido ao período pandêmico da Covid-19, a entrevista foi realizada por meio da plataforma digital Google Meet, no dia 19 de janeiro de 2022.

<sup>7</sup> Valdemar Barroso Silva tem 69 anos de idade, é engenheiro mecânico e empresário. Nasceu na cidade de Picos-PI e reside na urbe desde então, exceto durante os dez anos em que estudou em Recife. Após concluir seu curso superior, em Engenharia Mecânica, na capital pernambucana, retornou a Picos e iniciou a sua carreira profissional trabalhando nas Indústrias Coelho. Em tempos de pandemia da Covid-19, a entrevista foi realizada via plataforma digital Google Meet, em 24 de janeiro de 2022.

<sup>8</sup> É preciso ter consciência de que trabalhar com memória não é algo simples e fácil. Ela não é estática e dentro dela há esquecimentos e silenciamentos, porque a sua construção é feita de maneira subjetiva.

Nessa perspectiva, Michael Pollak (1989) nos forneceu contribuições para essa pesquisa, no sentido de como estudar e trabalhar com a memória. Ao citar e discutir no seu texto, por exemplo, sobre a memória dos judeus a respeito dos campos de concentrações, Michael Pollak (1989) nos faz refletir sobre os esquecimentos e os silêncios que estão envoltos na memória, entre aquilo que os sujeitos esquecem e o que eles omitem.

Além disso, Michael Pollak (1992) nos garante mais subsídios quando afirma que “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.” (POLLAK, 1992, p. 04). Portanto, conhecer e refletir sobre a seletividade da memória, foi importante para nos atentarmos a esse aspecto e buscarmos aproveitar e analisar o que estava guardado na memória dos depoentes e nos foi repassado.

Ao discorrer a respeito das cidades visíveis, cidades sensíveis e cidades imaginárias, Sandra Pesavento (2007) nos aponta o valor documental das imagens. De acordo com a autora mencionada,

Imagens de cidade são representações, factíveis ou não, baseadas em cidades existentes, e elas descortinam para o historiador um panorama fascinante de rastros do passado. Elas são, todas elas, marcas de uma cidade sensível que um dia se impôs ao olhar, à técnica e às emoções daqueles que as traduziram em imagem. (PESAVENTO, 2007, p. 22).

Diante dessas contribuições de fontes imagéticas (se forem questionadas e esmiuçadas enquanto uma fonte histórica), paralelamente à história oral, analisamos iconografias disponibilizadas por nossos depoentes, bem como imagens coletadas na página do Instagram *Picos das Antigas* (@picosdasantigas), administrada pelo professor Higo Meneses, que é doutorando em Educação.

Consideramos relevante utilizar material coletado nessa rede social, pois, garimpando pelo perfil desse meio de comunicação, que agregou mais informações à pesquisa, notamos que, em síntese, ele tem o intuito de resgatar, divulgar e valorizar a História e memória picoense. E, além das duas fontes históricas já citadas (os relatos orais e as fotografias), analisamos o Título de Sócio Patrimonial e a Carteira de Sócio Convidado, pertencentes a um dos nossos entrevistados, com o propósito de esmiuçar o perfil dos frequentadores do clube.

Por meio da análise dos relatos dos nossos entrevistados ficou perceptível que o Picoense Clube foi um espaço utilizado pelas pessoas para serem realizadas variadas comemorações. Essas festas promoveram a concentração de indivíduos na instituição e configuram-se como vivências urbanas. É justamente esse elemento que define a cidade para

Ana Fani Carlos (2015), ou seja, a aglomeração constante de pessoas. Desse modo, podemos evidenciar como o clube contribuiu para caracterizar Picos enquanto uma cidade, dentro da ótica dessa geógrafa.

Para além disso, ao investigar as fontes orais e iconográficas, evidenciamos a importância que a instituição teve para os seus frequentadores, enquanto um dos principais espaços de lazer da cidade de Picos, durante o nosso recorte temporal.

Durante o texto estabelecemos diálogos com alguns autores para discutir as categorias históricas de *sociabilidades*, *idades* e *memória*. Utilizamos as reflexões teóricas de Sandra Pesavento (2007) para compreender que além das suas *materialidades*, a cidade é formada pelas *sociabilidades* desenvolvidas nela, que era justamente o que caracterizava o Picoense Clube, nas décadas pesquisadas.

Dialogamos com Ana Fani Carlos (2007) para demonstrar, sobretudo, como a instituição enquadra-se na noção de *lugar* proposta pela geógrafa, devido a relação dos indivíduos com o ambiente.

Para além disso, aproveitamos a discussão de Ecléa Bosi (2003), a respeito de poder trabalhar com fontes vivas, para realizar entrevistas com os frequentadores da entidade, durante os anos escolhidos.

Na sua dissertação de mestrado intitulada *O conceito de sociabilidade em Georg Simmel*, conforme o próprio título do trabalho nos sugere, Marcos Antonio Santos (2021) discute o conceito de sociabilidade em Georg Simmel.

Em síntese, no seu estudo o autor discute a emergência e utilização do conceito de sociabilidade em oposição ao de socialização. Ao pesquisar e escrever sobre esses dois conceitos, o referido educador nos expõe que o termo socialização, no sentido proposto por Durkheim, estaria relacionado às relações estabelecidas de maneira impositiva. Já para Simmel, a sociabilidade era algo mais natural e simultâneo, tendo em vista que, segundo ele, a sociabilização do indivíduo ocorreria, concomitantemente, quando o sujeito sociabilizava-se. Nessa perspectiva, Georg Simmel (2006) define a sociabilidade como sendo “(...) a *forma lúdica de sociação*, e - *mutatis mutandis* - algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como a obra de arte se relaciona com a realidade.” (SIMMEL, 2006, p. 65).

Portanto, esse novo conceito enquadra-se de maneira mais apropriada às discussões realizadas nessa monografia, acerca do referido espaço de lazer da urbe picoense nas décadas de 1960 a 1980, pois as sociabilidades nesse lugar ocorriam de maneira espontânea entre os indivíduos, que se aglomeravam voluntariamente para se descontraírem e se divertir. Ou seja, enquanto os frequentadores sociabilizavam, eles eram sociabilizados, tendo em vista que “(...)

a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros.” (SIMMEL, 2006, p. 17).

De tal forma, a presente pesquisa justifica-se especialmente pelo fato de a Sociedade Civil Picoense Clube ter possuído suma relevância para a cidade de Picos durante as décadas de 1960 a 1980, tendo em vista que esse espaço foi palco para a realização de diversificados tipos de eventos tradicionais na época, os quais proporcionaram a interação entre seus habitantes, conforme será notado posteriormente no texto.

Além disso, nos estudos que abordam sobre o Picoense Clube são dedicadas poucas páginas para tratar da instituição, tendo em vista que ela não estava sendo foco de investigação. Portanto, é relevante esmiuçar sobre esse tema principalmente porque é uma maneira de conhecer e valorizar um espaço de lazer e sociabilidade que foi de grande importância para a realização de eventos, os quais viabilizaram momentos de divertimento para seus frequentadores.

Entre os trabalhos sobre a cidade de Picos, que dão ênfase aos seus espaços de sociabilidade, podemos mencionar o de Karla Íngrid de Oliveira (2014), Mara Carvalho (2015) e Priscila Moura Ribeiro (2014).

Em suma, Karla Íngrid de Oliveira (2014) examina na sua dissertação de mestrado a respeito das representações femininas na cidade de Picos, no que concerne aos anos de 1940 a 1960, ao passo que as problematiza. A sua análise se deu em torno da perspectiva feminina, tendo em vista que a mulher ainda era vista com inferioridade e vivia em um patamar de submissão em relação aos homens, durante as décadas estudadas, como, por exemplo, a ideia de que ela devia se restringir ao cuidado da casa, dos filhos e do marido, não podendo ocupar outros espaços na sociedade.

Essa concepção de subjetivação pode ser constatada no relato oral de Alveni Vieira (2023), no qual ela destaca que quando seus pais iam para alguma festa noturna no Picoense Clube, por volta da década de 1970, havia uma certa resistência para levá-la junto, pelo fato dela ser mulher. Enquanto eles levavam o seu irmão, que era apenas dois anos mais velho que ela. Então, nas décadas que sucedem o recorte temporal da pesquisa de Karla Íngrid de Oliveira, perpetuava-se essa distinção social entre homens e mulheres.

A referida autora expõe e comenta trechos dos relatos das mulheres entrevistadas e, com o que é exposto por ela, podemos notar aproximações com o que foi discutido por alguns de nossos depoentes, no sentido de a cidade ainda permanecer imersa em modos tradicionais de

viver. Ela discute ainda os espaços de lazer para a juventude picoense, dando ênfase às relações sociais entre os gêneros, nesses espaços da urbe.

Outra pesquisadora, Mara Carvalho (2015), em síntese, discorre na sua dissertação de mestrado acerca do crescimento da área central de Picos, principalmente durante a década de 1970 e, o consequente interesse capitalista por esse local da urbe. Somado a isso, ela analisa o impacto que essas transformações tiveram no patrimônio material da cidade, tendo em vista que seus prédios mais antigos foram demolidos para viabilizar a construção de lojas, mercados etc.

A autora mencionada estabelece paralelos com a atualidade, demonstrando essas mudanças ocorridas na urbe, e como elas foram recepcionadas pelos cidadãos. Alguns moradores enxergaram as transformações como algo positivo, no sentido de a cidade ficar inserida nos padrões da dita modernidade. Enquanto outros interpretaram como algo negativo e problemático, pois, segundo essa parcela da população, o patrimônio material da urbe estava sendo destruído para dar lugar a setores comerciais.

Outra pesquisadora, Priscila Moura Ribeiro (2014), de maneira resumida, analisa na sua pesquisa monográfica os lugares de lazer e sociabilidades para a juventude picoense, no que corresponde a década de 1980. E, dentre esses espaços, destaca-se a Sociedade Civil Picoense Clube, centro das discussões realizadas no nosso trabalho.

É válido destacar no momento inicial desse estudo algumas das dificuldades encontradas durante a realização da pesquisa. Entre elas está o fato de trabalharmos com história oral e, devido ao recorte temporal do trabalho, ter que entrevistarmos pessoas da idade mais avançada. Desse modo, as dificuldades resultantes da pandemia da Covid-19 (principalmente, o isolamento e o distanciamento social) aumentaram ainda mais os empecilhos, pois alguns entrevistados tinham receio de receber visitas na sua residência, assim como ter algum tipo de proximidade física com outras pessoas, o que dificultou a gravação da entrevista, interferiu na qualidade do áudio e, conseqüentemente, a transcrição para texto.

Portanto, devido ao contexto citado acima, algumas entrevistas tiveram que ser realizadas de maneira online, por meio de plataformas digitais, embora a autora Ecléa Bosi (2003) sugira e explique que é mais adequado que a entrevista seja realizada na casa do entrevistado ou no local que está sendo foco da pesquisa, porque seria mais propício para despertar a memória do depoente. Além do fato de que “Se o local do encontro for a casa do depoente, estaremos mergulhados na sua atmosfera familiar e beneficiados pela sua hospitalidade.” (BOSI, 2003, p. 59).

Mais um impasse foi o fato de residirmos em uma urbe distante da que os entrevistados moram, pois dificultou a procura de pessoas para serem entrevistadas, bem como encontrar



outros tipos de fontes, como por exemplo, imagens. Foram necessários vários deslocamentos da cidade de Campo Grande do Piauí, para a urbe de Picos, pois apenas uma vez houve disponibilidade por parte dos entrevistados para que fosse realizada mais de uma entrevista em um mesmo dia.

O trabalho foi dividido em dois capítulos. O primeiro, intitulado “*Nos picos da memória: representações da cidade de Picos-PI, na memória de seus moradores nas décadas de 1960 a 1980*”, como o próprio título nos indica, discute as representações armazenadas na memória dos cidadãos de Picos-PI, no que concerne os anos de 1960 a 1980.

Ao analisar os relatos orais dos entrevistados, as fotografias, bem como outros trabalhos que versam sobre a mesma temática, foi possível perceber que a cidade piauiense referida, em meados da década de 1960, era uma cidade pequena, na qual muitos dos seus moradores mantinham hábitos interioranos.

No entanto, a partir dos anos 1970 a urbe passou por mudanças mais significativas no que concerne a sua estrutura física, principalmente no Centro da cidade, o qual recebeu muitos estabelecimentos comerciais, os quais influenciaram diretamente na dinâmica urbana, bem como no modo de viver dos seus habitantes.

O segundo capítulo, intitulado “*O Picoense Clube e as sociabilidades na “cidade modelo”*”, foi subdividido em cinco partes. O capítulo, conforme o título nos sugere, discute questões que versam a respeito do lazer e das sociabilidades promovidas na Sociedade Civil Picoense Clube no que concerne às décadas de 1960 a 1980.

Por meio dos relatos orais dos entrevistados, de imagens, da Carteira de Sócio Patrimonial, bem como da Carteira de Sócio Convidado, abordaremos sobre o início do funcionamento do Picoense Clube nos anos 1950, e da criação da sua sede própria, na década de 1960.

Ademais, discutiremos a respeito do lazer e das sociabilidades desenvolvidos no Picoense Clube, durante as décadas de 1960 a 1980. E, a partir dessa questão, pontuaremos sobre o perfil das pessoas que participavam dos eventos no clube nos anos estudados, algumas das práticas cotidianas e das sociabilidades realizadas nesse espaço de lazer do bairro Centro e, assim, perceber a importância que ele teve para os seus frequentadores.

## 2 NOS PICOS DA MEMÓRIA: representações da cidade de Picos-PI, na memória de seus moradores nas décadas de 1960 a 1980

Conforme está explícito no seu título, neste capítulo discutiremos as representações sobre a cidade piauiense de Picos-PI, guardadas na memória dos seus cidadãos, no que compreende os anos de 1960 a 1980.

Para adentrar em outras questões que versam especificamente sobre o lazer e as sociabilidades desenvolvidas na Sociedade Civil Picoense Clube durante as décadas de 1960 a 1980, é imprescindível conhecer como estava o desenvolvimento da cidade de Picos durante as décadas estudadas, tendo em vista que isso ajudará a entender por que o Picoense acabou configurando-se como um dos principais pontos de encontro da urbe nas três décadas pesquisadas.



**Figura 1:** Vista aérea de Picos, na década de 1950.

**Fonte:** CARVALHO, 2015, p. 42.

De acordo com Odorico Carvalho (2022), quando ele se mudou da cidade de Bocaina para Picos, na década de 1960, a urbe era pequena, conforme podemos observar na imagem acima (figura 1), que corresponde a um período bastante próximo ao início do recorte temporal da nossa pesquisa. Nosso referido entrevistado cita que Picos ainda possuía poucas ruas e nem dispunha energia elétrica durante o dia inteiro. Segundo o depoente citado, onde ele residia

(Rua São Pedro, no Centro da cidade) havia uma usina de energia que era ligada às 18h e era desligada às 22h, pela pessoa que operava o motor.

Segundo Renato Duarte (1995), durante o final dos anos 1940 e começo da década de 1950, a cidade de Picos “(...) era um pequeno núcleo urbano harmoniosamente integrado ao meio rural. Havia uma convivência estreita, íntima mesmo, entre o aglomerado urbano e o meio ambiente em torno.” (DUARTE, 1995, p. 19). Diante do exposto, percebe-se características de como estava a urbe, poucos anos antes do recorte temporal deste trabalho.

Sobre essa questão, ao analisar a Praça Félix Pacheco nas décadas de 1940 a 1960, a qual era um espaço de sociabilidade livre e gratuito, Karla Íngrid de Oliveira (2014) afirma que

(...) os passeios à noite, na praça, aconteciam somente até as vinte e uma horas, horário em que o sino da igreja tocava e os jovens deveriam se dirigir a suas casas. A cidade ficava no escuro, àquela hora, todos os dias, era desligado o gerador que garantia a iluminação elétrica da cidade. O sino da igreja batia as nove badaladas, e todas as mulheres deveriam se dirigir a suas residências. (OLIVEIRA, 2014, p. 67).

Com essas informações, podemos perceber como estava ocorrendo o processo de desenvolvimento da urbe picoense. É provável que, devido ao fato do tempo de disponibilidade de energia elétrica ser limitado, as pessoas não ficassem sociabilizando nas ruas, nos espaços de lazer ou em algum tipo de festividade, após essa hora da noite, tendo em vista que

Quando era perto de dez horas a pessoa que operava o motor piscava a luz e todo mundo que estava nas ruas já sabia que ia apagar a luz. Então, tinha que correr pra (sic) trás, pra (sic) casa (risos) e se esconder lá porque ia apagar a luz e realmente apagava. (Odorico Leal de Carvalho, 2022).

Essa diferença no horário em que o gerador de energia era desligado pode ser explicada devido ao fato do nosso recorte temporal compreender as décadas de 1960 a 1980, enquanto o de Karla Íngrid de Oliveira corresponde aos anos de 1940 a 1960. Mas, de todo modo, com esses elementos, podemos observar como o contexto histórico no qual a cidade estava inserida afetava a dinâmica da sociedade nas décadas citadas.

Posteriormente, Odorico Carvalho fala sobre os avanços ocorridos na urbe, principalmente, devido a chegada de energia elétrica proveniente da Hidrelétrica de Boa Esperança (inaugurada em 1970, na cidade de Guadalupe-PI), pois foi após a chegada de eletricidade nessa cidade piauiense que Odorico Carvalho fundou, juntamente com seus colegas a banda *Os Rebeldes*, segundo conjunto musical eletrificado de Picos (o primeiro foi *Os Leões*), no ano de 1969. Desse modo, eles tiveram como fazer *shows* no Picoense Clube, em outros clubes da cidade, assim como em outros estados.

Dentro desse contexto, Karla Íngrid de Oliveira (2014), sublinha “(...) a influência das inovações tecnológicas na vida dos cidadãos e o impacto que estas causaram, principalmente no comportamento juvenil.” (OLIVEIRA, 2014, p. 60). Esse fator é evidenciado porque, ao discorrer sobre essa banda local, ela percebe os reflexos nos modos de viver e se comportar dos estrangeiros na vida dos jovens brasileiros.

Esses impactos sociais das inovações tecnológicas também foram percebidos na dissertação de mestrado, de Elson de Assis Rabelo, intitulada “A história entre tempos e contratempos”, onde ele discute sobre a inserção piauiense nos estereótipos de pobreza associados à Região Nordeste, no que concerne aos anos de 1950 a 1970. Nesse sentido, ele cita no seu trabalho a respeito de mudanças que foram propagadas nessa região pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), entre elas, a feitura da Hidrelétrica de Boa Esperança.

Segundo o referido autor, o estado estava “(...) vivendo um clima de alegria e confiança diante do desenvolvimento propagandeado com a construção da Hidrelétrica de Boa Esperança.” (RABELO, 2008, p. 50). Com isso, podemos evidenciar, juntamente com o que foi exposto pelo entrevistado Odorico Carvalho, algumas mudanças e melhorias que estavam ocorrendo na Região Nordeste, e em Picos não foi diferente.

De acordo com Odorico Carvalho (2022), Picos passou a crescer significativamente a partir de 1970. Foi nessa década que chegou à cidade o 3º Batalhão de Engenharia de Construção (3º BEC), o qual promoveu mudanças e algumas melhorias na cidade como, por exemplo, a construção de caminhos para facilitar o tráfego na cidade. Segundo ele, a urbe não tinha calçamento, todas as estradas eram de barro.

Além dessas mudanças no aspecto físico da urbe, podemos citar que com o 3º BEC

(...) não vieram apenas os militares, mas inúmeros trabalhadores civis que se fixaram em Picos, implantaram suas residências e por aqui ficaram e deixaram parte de seus descendentes. A chegada do 3º Batalhão de Engenharia de Construção – 3º BEC provocou a formação de novas aglomerações na cidade, dessa vez não mais no centro ou em suas proximidades, como era de costume, esse fato foi bastante significativo, pois com ele novas áreas foram sendo habitadas na cidade, fugindo um pouco da centralização exercida pela região central. (CARVALHO, 2015, p. 56).

Desse modo, podemos notar que as transformações estruturais que estavam ocorrendo influenciaram diretamente na atração de pessoas para a cidade, além da área central, a qual era frequentemente mais habitada.

Além desta instituição, a cidade também cresceu bastante a partir da vinda de pessoas de outras regiões para trabalharem, por exemplo, no Banco do Brasil, nas Indústrias Coelho e em outros segmentos da sociedade.

A Indústria Coelho, durante o auge chegou a empregar na cidade de Picos mais de 1100 pessoas, o que tornou a empresa não só a maior da cidade, mas também uma das maiores do nordeste na época, além disso, a introdução dessa indústria em Picos possibilitou que a cidade se tornasse um dos principais pólos, de uma das maiores indústrias do nordeste e local para o investimento de outras grandes empresas. (CARVALHO, 2015, p. 63).

O engenheiro mecânico Valdemar Barroso Silva, um de nossos entrevistados, foi uma das pessoas que trabalhou na referida fábrica, que contribuiu para o desenvolvimento econômico e urbanístico de Picos com, por exemplo, a construção de casas, em uma “vila operária”, no bairro Paraibinha, que fica localizado nas suas proximidades.

Essa demanda de empregos e uma localização estratégica promoveram o crescimento populacional e o desenvolvimento urbanístico da cidade. Para Valdemar Silva, essa localização estratégica da cidade se deu devido ao fato dela situar-se num lugar que liga Picos ao Ceará pela BR 020, ao estado da Bahia, através da BR 407 e o Piauí ao Pernambuco, por meio da BR 316. Esse local propício, atrelado ao fluxo comercial intenso, naturalizaram o desenvolvimento da urbe, de acordo com nosso entrevistado.

Não obstante, mesmo quando Picos era uma cidade pequena e não dispunha de muitos dos aparelhos que possuímos atualmente, os moradores gostavam de morar e viver nela. Ao comparar com o presente, a entrevistada Oneide Rocha destaca que sente saudade da época em que a urbe não era tão desenvolvida, pois, conforme ela destaca:

(...) a gente vivia em Picos como se Picos fosse o mundo, e não sentia falta de nada. Nós não tínhamos televisão, a televisão chegou em Picos em setenta e dois. Nós mesmos fazíamos os dramas, fazia (sic) os desfiles de miss, nós é que fazíamos. Então quer dizer que Picos era uma cidade pequena, mas já despontando para o comércio pujante, e aí já tava (sic) o Picoense Clube. (Maria Oneide Fialho Rocha, 2023).

Nessa perspectiva, Mara Carvalho (2015) afirma que uma das motivações para a realização da pesquisa do seu mestrado foi o desenvolvimento e o processo de urbanização da cidade de Picos, especialmente a partir dos anos 1950. Segundo ela,

(...) apesar do crescimento apresentado já nos primeiros anos, Picos ainda se apresentava, pelo menos até a década de 1960, essencialmente agrária. Esse quadro sofrerá mudanças significativas somente a partir da década de 1970, quando uma série de medidas e beneficiamentos vão atingir a urbe, possibilitando o seu crescimento e alterando a extrema dependência que tinha do setor agropecuário. Foi durante a década de 1970, que a parte urbana da cidade, principalmente a região do centro, cresceu de forma mais significativa

e passou a ter os aspectos mais característicos de uma cidade. (CARVALHO, 2015, p. 38).

Com o trecho destacado acima podemos evidenciar que nos primeiros anos da nossa pesquisa Picos ainda estava ligada a aspectos e modos de viver interioranos. Todavia, com o processo de modernização que estava em curso na maior parte do Brasil, ocorreram transformações significativas na cidade em relação a sua estrutura física, econômica e cultural, as quais inseriram-na nessa lógica moderna.

Conforme Mara Carvalho aborda no seu trabalho, fica perceptível que essas mudanças alteraram a lógica do modo de viver citadino, principalmente no Centro, o qual ainda é o bairro no qual mais vivenciamos essa efervescência hodiernamente.

No que corresponde aos anos 1960, 1970 e 1980, Valdemar Silva (2022) afirma que nas décadas citadas Picos tinha um futuro promissor, porque era uma cidade que possuía um fluxo comercial intenso. Além disso, ele cita que a localização estratégica da urbe auxiliou nesse processo, pois é um local que faz conexão com outros estados e liga a Região Norte e Nordeste por meio da BR 316.

Por se constituir como um entroncamento rodoviário, Karla Ingrid de Oliveira (2014) enfatiza a questão de Picos receber frequentemente “(...) a visita de viajantes que circulavam pelo comércio local na tentativa de vender suas mercadorias e hospedavam-se nos hotéis da cidade.” (OLIVEIRA, 2014, p. 93).

É possível verificar no relato de João Pereira Filho (2022) esse aspecto da cidade de Picos servir como modelo e fornecer suporte para outras urbes, pois ele afirma que “Nossa cidade é uma cidade tronco, em que todas as cidades circunvizinhas dependem de Picos em maior parte (...)”. (João Pereira Filho, 2022).

Podemos verificar essa característica perdurando na atualidade. Muitas pessoas saem de outras cidades para residir em Picos, ou deslocam-se para ela diariamente, seja para estudar, fazer compras em lojas e supermercados, ir ao médico etc. Isso se dá, em maior parte, devido ao fato de a urbe oferecer maior suporte e diversidade nos variados setores sociais, se comparado às cidades que se localizam nas suas proximidades.

Não obstante, isso “(...) não significa que a cidade consiga atender satisfatoriamente toda a demanda que lhe cabe”. (CARVALHO, 2015, p. 32). Podemos citar como exemplo o caso do Hospital Regional Justino Luz, localizado na Rua Luiz Nunes, próximo à Praça Antenor Neiva. Essa instituição recebe grande demanda de pacientes de cidades que não possuem hospital, apenas postos de saúde, como é o caso de Campo Grande do Piauí. Tal fato implica com que muitas vezes os atendimentos não consigam ser realizados adequadamente.

A cidade de Picos naquela época era uma cidade em que todos nós tínhamos um sonho a realizar através da formação, da educação. Nossos pais, por não terem a oportunidade de se educarem, fizeram todo esforço laboral para que seus filhos tivessem condições de estudar. Então aquele tempo a gente fazia três coisas que eu ainda hoje tenho muita saudade: de brincar, de estudar e de namorar. Era as coisas que a gente mais fazia nos anos 70 e 80 aqui na cidade de Picos. Era uma cidade que tinha uma vida social muito intensa, né, através dos grupos de amizades, dos locais que a gente frequentava, né, como exemplo o Picoense Clube, o Samambaia Clube e a AABB de Picos. Era os locais que a gente mais se divertia na nossa juventude. (Valdemar Barroso Silva, 2022).

Com o trecho do relato oral, citado acima, podemos perceber o sentimento de saudade demonstrado por nosso entrevistado. Dessa maneira, “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais.” (BOSI, 2003, p. 20).

Valdemar Silva (2022) menciona a respeito da dificuldade que se fazia presente naquelas décadas para ter acesso à educação. Ademais, ele ainda cita a importância dos clubes sociais naqueles anos para a juventude se divertir. Então, nesse sentido, é importante refletir sobre o fato de a memória ser algo que parte do presente, é ressignificada nele, e que “(...) o discurso do depoente transmite um ponto de vista do presente nos conteúdos rememorados.” (FREITAS, 2006, p. 117).

Desse modo, podemos evidenciar que o modo de viver atualmente diverge das décadas em que estamos pesquisando e fazemos com que Valdemar Silva (2022) expresse esse sentimento de nostalgia na sua fala.

Ainda sobre as representações da cidade de Picos nos anos 1960 a 1980, na memória dos seus moradores, podemos citar que ela era um local que estava em processo de desenvolvimento. Ao comparar com a estrutura da urbe hodiernamente, Hildegardo Leal (2022), afirma que “(...) desenvolveu muito a parte física da cidade, não é mais aquela... (pensou um pouco) pequenininha, que aqui não tinha quase carro, nem nada, nessa época aí, em 70/80.” (Hildegardo Santos Leal, 2022).

Além disso, ele acrescenta o fato de que Picos era “Uma cidade muito boa de se viver, muito pacata, hospedeira, o pessoal de fora chega (sic) aqui era bem hospedado (...)”. (Hildegardo Santos Leal, 2022). Sendo assim, podemos evidenciar que, mesmo Picos não possuindo naquelas décadas uma estrutura física a qual possui atualmente, nossos entrevistados expõem, nos seus relatos sobre a cidade, que ela era um lugar em que eles gostavam de viver.

Essa nostálgica lembrança de Picos se reforça com a evidenciação de que em “1960 teve a calamidade que foi as enchentes, né. Mas foram anos maravilhosos (dá ênfase na sua fala), né. Picos, verdes 50, 60, até 80, a cidade foi caindo mais... E hoje Picos não é mais aquela

cidade tão cativa, tão boa como era naquela época, né.” (Albano Silva, 2022). Com esse relato de Albano Silva (2022) podemos destacar novamente como alguns cidadãos de Picos gostaram de viver na cidade durante as décadas estudadas. Nesse caso, nem mesmo as dificuldades postas pelas enchentes, impediram que o depoente falasse bem da cidade de Picos naqueles anos ou contribuiu para ele não gostar de residir na urbe.

Em relação a essa saudade de uma cidade dos tempos de outrora, é importante destacar o que é ressaltado por Sandra Pesavento (2007) quando ela afirma que

(...) essa cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no *tempo do agora*, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado. (PESAVENTO, 2007, p. 16).

Nesse viés, a concepção de que a cidade picoense do presente traz características que desagradam o nosso entrevistado<sup>9</sup> e fazem com que ele prefira os anos pesquisados no presente estudo é baseado na visão da urbe que ele possui hodiernamente.

Sobre a questão das enchentes, mencionadas pelo entrevistado, elas foram provocadas pelas vazantes do Rio Guaribas, que era o principal rio da cidade de Picos, tendo em vista que ele “(...) era o grande fertilizador dos solos picoenses, às suas margens eram cultivadas as vazantes de alho, arroz e outros produtos agrícolas, e suas águas serviam de bebedouro e irrigavam as pastagens dos gados da pecuária fortemente desenvolvida na região” (OLIVEIRA, 2014, p. 68). Podemos observar a cidade de Picos, durante o ocorrido dessa enchente, na imagem a seguir (figura 2).

---

<sup>9</sup> Entre elas, ele demonstrou o fato de serem demolidos prédios antigos para ceder espaço a ambientes comerciais.





**Figura 2:** Rua São José, Centro de Picos, em mar. 1960.

**Fonte:** CARVALHO, 2015, p. 49.

A enchente ocorrida na cidade de Picos, em 1960, é um elemento importante para entendermos parcela das modificações ocorridas na urbe, principalmente durante a década de 1960 e início dos anos 1970, tendo em vista que, de acordo com Mara Carvalho (2015), “a cidade de Picos passou por um intenso processo de transformação ao final da década de 1960 e início da década de 1970, contudo um fato irá marcar esse processo de transformações. Esse fato se refere à cheia do Rio Guaribas” (CARVALHO, 2015, p. 44).

Nesse sentido, para reerguer as partes da cidade atingidas pela enchente, tiveram que ser feitas reformas nas casas, por exemplo, ou até mesmo reconstruí-las. Pelo receio que essa calamidade acontecesse novamente, alguns estabelecimentos foram feitos em cima de altas calçadas, com o intuito de evitar novos e indesejados alagamentos. Essa reconstrução dos imóveis do Centro de Picos, incluindo uma calçada alta em sua arquitetura, pode ser evidenciada no prédio onde o Picoense Clube iniciou o seu funcionamento e na qual a Rádio Guaribas realizava até recentemente as suas atividades (veja a figura 3, no segundo capítulo deste trabalho).

A referida autora explica em uma nota de rodapé da sua dissertação de mestrado que a rápida recuperação da urbe, após ter sido atingida por uma grande enchente nos anos de 1960, pode ter sido um dos motivos preponderantes para que a cidade recebesse o apelido de “Cidade

Modelo”, depois de ter sido escolhida como município modelo do Piauí pelo Instituto Brasileiro de Assistência aos Municípios, no ano de 1966.

Nessa perspectiva, é relevante destacar o que Mara Carvalho (2015) enfatiza no seu trabalho de mestrado. Segundo ela, as mudanças

(...) para alguns elas foram essenciais, são vistas com grande empolgação, sinônimo do progresso e do desenvolvimento da cidade. Contudo para outros, elas fizeram com que o centro da cidade, se tornasse praticamente um lugar privilegiado para o setor comercial, onde o lucro prevalece a diversão, ao lazer ou mesmo a história da cidade, que muitas vezes se apaga para dar lugar a empreendimentos comerciais. (CARVALHO, 2015, p. 105).

Esse aspecto negativo citado pela autora no seu texto se dá devido ao fato das mudanças realizadas na cidade, especialmente para o desenvolvimento comercial, afetarem, para além do elemento estrutural, o âmbito cultural e histórico da cidade, tendo em vista que prédios antigos são demolidos para dar lugar a estabelecimentos comerciais, por exemplo.

Somado ao que foi discutido até aqui, Oneide Rocha (2023) afirma que

Picos, na década de sessenta, era uma cidade pequena, bucólica, todo mundo se conhecia, vivíamos de portas abertas, as crianças brincavam, iam pras (sic) roças caçar, na época não tinham a consciência ecológica, e as mães não tinham medo, poucos carros. O contorno urbano de Picos era da Igreja do Coração de Jesus aos Correios. Aquela parte onde tem o Posto Total se montava circo, porque ali acabava a cidade. (Maria Oneide Fialho Rocha, 2023).

Com o que foi descrito acima e com o que foi discutido até aqui, podemos observar que no início do recorte temporal da nossa pesquisa Picos era uma cidade que continha, predominantemente, modos de vida rurais. Isso pode ser percebido quando a entrevistada relata sobre o pequeno território o qual correspondia a urbe e quando ela cita a respeito de um dos modos das crianças brincarem.

Além do mais, o fato de boa parte das pessoas se conhecerem, permitia que elas vivessem com as portas de suas residências abertas. Costume que foi se perdendo, conforme a cidade foi crescendo. Isso foi possível evidenciar ao frequentar a casa de alguns dos depoentes, que sempre estavam trancadas quando chegávamos para a realização das entrevistas.

A respeito desse aspecto de tranquilidade na urbe, Renato Duarte (1995) destaca o costume de que, na década de 1950,

(...) na época de calor mais intenso, algumas famílias deixavam as janelas dos seus quartos de dormir abertas durante a noite. Não havia razão para preocupações maiores com a segurança no cotidiano da cidade, a ponto de o aparato policial ser diminuto, raramente requisitado, e o delegado de polícia ter pouca evidência. (DUARTE, 1995, p. 60).

De tal modo, a partir do relato oral de alguns dos entrevistados, pode-se notar mudanças nesses hábitos.

A entrevistada Maria Alveni Barros Vieira (2023), deixou explícito, com o seu relato oral, que compactua com o que foi exposto por Oneide Rocha a respeito das representações sobre a cidade de Picos nos anos pesquisados. Ou seja, no que se refere ao fato dela ainda ser uma urbe bucólica, tranquila e segura, na qual ela se reunia com outras pessoas na rua sem ter o sentimento de perigo e medo que a amedronta atualmente.

De acordo com a referida entrevistada, Picos

(...) era uma cidade tranquila ainda nessas décadas, segura. Tanto que, às vezes, a gente ia pra (sic) alguma tertúlia<sup>10</sup> na adolescência, até os anos 80, a gente voltava todo mundo a pé, à noite. Aquele grupo de adolescentes. Ninguém mexia, não tinha brigas, no nosso entorno não. E eu morava num bairro de periferia, né, que era na Bomba. (Maria Alveni Barros Vieira, 2023).

Com esse exemplo, podemos constatar esse aspecto da cidade ser mais tranquila e segura, se comparada a atual, pois ela deixa explícito na sua fala que, mesmo residindo em um bairro considerado periférico na época, ela transitava na urbe sem sentir-se insegura.

Acerca de uma das atividades realizadas na cidade, Oneide Rocha informa que nesse período Picos já desenvolvia uma das maiores feiras da Região Nordeste e, diferentemente de como ocorre na atualidade que as mercadorias vêm de outros locais como, por exemplo Petrolina-PE, a maioria dos produtos comercializados vinham do interior da cidade.

Essa potencialidade econômica se dava, em grande medida, devido ao Rio Guaribas, porque ele “(...) era um verdadeiro... era chamado um verdadeiro canteiro verde até chegar na Bocaina, na região da Bocaina, plantando alho, cebola e tinha batata, abóbora, milho, muita gente plantava no leito do rio.” (Maria Oneide Fialho Rocha, 2023).

Portanto, diante do que foi discutido até aqui, através do relato oral dos entrevistados, assim como a análise de outros trabalhos que versavam sobre a temática, foi possível conhecer a respeito das representações sobre a cidade de Picos guardadas na memória dos seus moradores, no que compreende os anos de 1960 a 1980.

No que compreende ao início do recorte temporal da nossa pesquisa, ficou perceptível que a cidade piauiense estudada era de pequeno porte e resguardava modos de viver predominantemente interioranos.

Por conseguinte, principalmente devido ao grande fluxo de mudanças que estavam ocorrendo no Brasil e em decorrência da cheia do Rio Guaribas, na década de 1960, a cidade

---

<sup>10</sup> De acordo com Renato Duarte (1995), as tertúlias eram reuniões informais, nas quais se faziam encontros dançantes.

de Picos passou por mudanças significativas na sua estrutura física, nas maneiras de viver e se comportar dos moradores.

### **3 O PICOENSE CLUBE E AS SOCIABILIDADES NA “CIDADE MODELO”**

Neste capítulo, discutiremos sobre o início do funcionamento da Sociedade Civil Picoense Clube nos anos 1950, bem como a posterior criação da sede do clube durante a década de 1960. Em seguida, trataremos a respeito do lazer, das sociabilidades e de algumas práticas cotidianas promovidas no Picoense Clube nas décadas de 1960 a 1980.

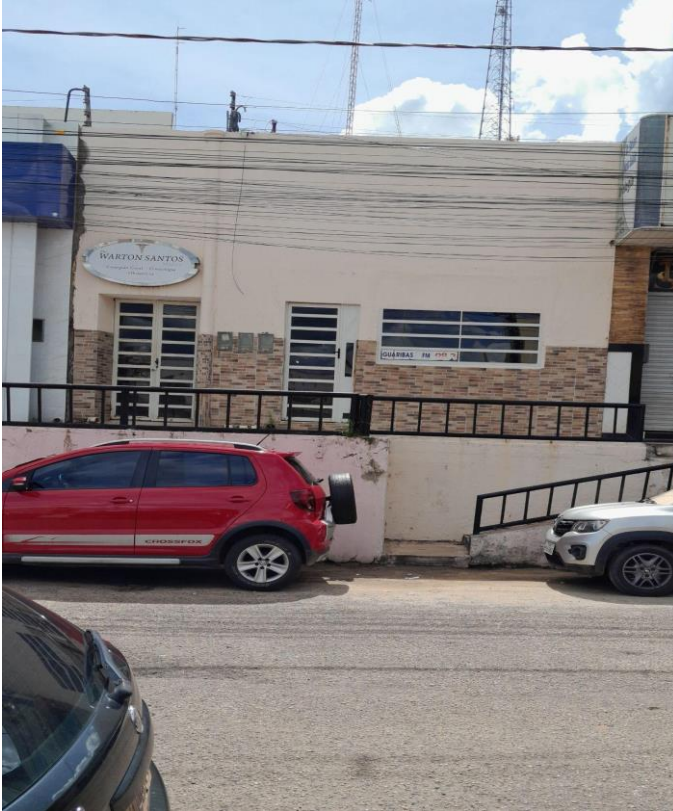
Conforme foi exposto no capítulo anterior, Picos era uma cidade que estava com o seu processo de desenvolvimento em curso e que, portanto, não oferecia uma gama de espaços para os cidadãos se divertirem. Nessa perspectiva, o Picoense Clube pode ser considerado um dos principais espaços de lazer da urbe naquelas décadas. Foi nessa instituição que foram realizados shows de bandas locais e nacionais, festividades carnavalescas, bailes de formatura, entre outros.

Somado a isso, abordaremos questões que versam sobre o perfil das pessoas que frequentaram o Picoense Clube, nos referidos anos. Em grande medida, se tratava de sujeitos pertencentes a classe média e alta da sociedade, os quais eram quem podiam ser sócios do clube, ou então pagar para adentrar nos eventos que fossem realizados.

E, diante dos aspectos citados, será possível perceber a relevância que esse espaço de lazer teve para os seus visitantes, pois foi na Sociedade Civil Picoense Clube que eles sociabilizaram e conheceram pessoas, as quais ainda possuem algum tipo de vínculo contemporaneamente.

#### **3.1 A criação do Picoense Clube**

Inicialmente, na década de 1950, a Sociedade Civil Picoense Clube não tinha sede própria. De acordo com a entrevistada Oneide Rocha, o clube começou a promover suas atividades no local onde atualmente situa-se a Rádio Guaribas, localizada no Bairro Centro, na Rua Coelho Rodrigues, próxima a Praça Félix Pacheco.



**Figura 3:** Prédio da Rádio Guaribas, em mar. 2023.  
**Fonte:** SÁ, 2023.

A imagem acima (figura 3), representa onde a Rádio Guaribas estava situada, quando foi realizada a entrevista com Oneide Rocha, em janeiro de 2023. É importante destacar que, por a área central de Picos ser dominada predominantemente pelo comércio, esse prédio pode ter passado por várias mudanças ao longo do tempo. Quando a fotografia foi capturada, em março de 2023, a rádio não estava mais funcionando no presente prédio que Oneide Rocha havia informado há dois meses.

De acordo com as pessoas que atualmente trabalham em estabelecimentos próximos ao prédio, a decadência de algumas partes da sua estrutura interna aconteceu devido às chuvas que estavam acontecendo frequentemente. Ao observar o local, foi possível evidenciar que o forro do teto foi uma das partes destruídas desse espaço. Ademais, na fotografia podemos observar o aspecto que mencionamos anteriormente neste trabalho, que foi o fato de algumas construções serem erguidas em altas calçadas durante os anos pesquisados, devido o receio de novas enchentes, tal qual ocorreu com o Rio Guaribas na década de 1960.

Segundo o relato oral de Oneide Rocha e os estudos de Renato Duarte (1995), posteriormente, o Picoense Clube deixou de funcionar onde hodiernamente era a Rádio Guaribas e passou a promover suas atividades de maneira improvisada em uma casa que era



habitada pela família de Manoel Vigário, na rua Coronel Francisco Santos, nº 210, no Centro da cidade de Picos-PI.

Oneide Rocha (2023) sublinha na entrevista que essa moradia era grande e começou a ser ocupada com a finalidade de reunir pessoas para sociabilizar após a família que residia nela mudar-se de Picos para morar em Fortaleza.

Apesar das condições precárias do espaço para abarcar o público – pois o prédio não havia sido construído com o intuito de funcionar como um espaço de lazer, mas sim de moradia – Renato Duarte destaca que “existia uma atmosfera de intimidade e de aconchego que atenuavam o desconforto provocado pelo calor e pela falta de ventilação do ambiente.” (DUARTE, 1995, p. 74). Então, é notável que, mesmo em um local com a estrutura adaptada para receber os cidadãos, as pessoas não deixaram de se reunir para sociabilizar.

De acordo com Albano Silva<sup>11</sup>, na imagem abaixo (figura 4), podemos observar, na parte indicada pela seta na imagem, o local onde o Picoense Clube funcionava antes de ser construída a sua sede própria na década de 1960.



**Figura 4:** Prédio onde funcionou o Picoense Clube, na década de 1960.

**Fonte:** MUSEU OZILDO ALBANO, 1960.

<sup>11</sup> Esses dados foram coletados no ano de 2023. Através da rede social WhatsApp, pessoas que trabalham no Museu Ozildo Albano ajudaram a mediar o contato com Albano Silva, tendo em vista que ele não estava presente no museu em uma das vezes que fomos ao local para procurar fontes e outras informações.

Tentamos inserir uma foto atual do prédio onde localizava-se a referida casa. Não obstante, devido às mudanças constantes que acontecem na estrutura física do Centro da cidade de Picos, as pessoas as quais procuramos para obter essa informação não souberam indicar em qual prédio se localizava essa residência anteriormente.

As décadas de 1960, 1970 e 1980, escolhidas para serem pesquisadas neste estudo, compreendem os três primeiros decênios, após a criação da Sociedade Civil Picoense Clube. Deste modo, antes de adentrarmos mais profundamente em outras questões que permeiam o intuito desta atividade, é imprescindível termos conhecimento de como se deu a fundação desse espaço de lazer e sociabilidade, os quais ainda eram escassos no bairro Centro, de Picos-PI, durante aquelas décadas, conforme será destacado mais adiante. E é através dos relatos orais, dos nossos depoentes, que iremos investigar o desenvolvimento desta instituição.

Segundo nosso entrevistado e diretor de patrimônio do clube quando o depoimento foi concedido, Odorico Carvalho, a fundação da Sociedade Civil Picoense Clube se deu principalmente devido a necessidade da cidade de Picos possuir um espaço adequado para que as pessoas pudessem se reunir e realizar diferentes tipos de festas. Eventos esses que eram tradicionais nas décadas pesquisadas, pois até então havia uma escassez de lugares na urbe que fossem apropriados para o desenvolvimento deles.

É válido mencionar, como exemplo, um evento descrito pelo nosso entrevistado, que são as Festas de 15 anos. Esta comemoração das debutantes era considerada muito importante durante os anos de 1960 a 1980, porque era nesta ocasião que o pai apresentava a sua filha para a sociedade, indicando que ela já havia atingido uma idade em que poderia namorar e, posteriormente, casar-se. Ato que era bastante valorizado na época.

Sobre o evento citado, a entrevistada Alveni Vieira (2023) destacou que durante essa festividade que, geralmente, era organizado pelas famílias mais favorecidas economicamente, era feita uma exaltação do vestido da debutante, para evidenciar *status* social e “(...) mostrar, assim, que cada debutante era mais bem preparada que a outra pelo menos em termos de roupas.” (Maria Alveni Barros Vieira, 2023).

Então, diante do exemplo citado e de outros eventos considerados relevantes para a sociedade que serão tratados *a posteriori*, a cidade de Picos ainda precisava de um ambiente com a estrutura física mais apropriada para realização de festas, as quais, como no caso descrito, geralmente eram feitas em um prédio com estrutura residencial.

Ao pesquisar a respeito da prostituição picoense nos anos 1950 e 1960, Marília Pinheiro (2013) analisa no seu Trabalho de Conclusão de Curso um artigo do Jornal *Folha Circulista*, publicado no ano de 1953. De acordo com a autora, “O estudante Dagoberto de Araújo Rocha



defende a ideia de que se houvesse um clube para a diversão dos jovens, estes não frequentariam lugares impróprios, ambientes antissociais, ou seja, os cabarés.” (PINHEIRO, 2013, p. 25). Nesse contexto, pode-se perceber que a falta de clubes na cidade de Picos, provocou a reclamação por parte de alguns discentes.

Mediante essa ausência de um lugar adequado na cidade, para abarcar o desenvolvimento dos mais diferentes tipos de eventos festivos, para as pessoas sociabilizarem e se divertirem, um grupo de empresários se reuniu e debateu a respeito da criação de um clube, durante a década de 1950. A partir disso, os membros votaram a criação de uma diretoria, de um conselho fiscal e de um estatuto. Consequentemente, a Sociedade Civil Picoense Clube começou a funcionar no dia 14 de julho de 1954, sob a presidência de Pascoal Santos que teria sido o primeiro presidente da instituição, segundo o entrevistado João Pereira Filho (2022).

Durante as décadas de 1960 a 1980 as fotografias ainda não eram tão acessíveis à maioria da sociedade picoense, porque quem quisesse uma

(...) tinha que comprar um filme que era caro, a câmera era caríssima, você batia aquela foto, podia dar certo ou não, às vezes queimava o filme dependendo da beleza da pessoa (risos). E depois aquela foto, aquele filme, era enviada para o Rio de Janeiro, pra (sic) São Paulo, pra (sic) revelar porque só algumas décadas depois foi que alguns fotógrafos começaram, aprenderam a revelar foto aqui em Picos. Mas antes ia tudo pra (sic) fora, né, pra (sic) mandar revelar. Você fazia uma foto, essa foto vinha com um mês depois. Era realmente um momento difícil. (Odorico Leal de Carvalho, 2022).

Com base no relato oral de nosso entrevistado, citado acima, entendemos que talvez por conta dessa dificuldade, não conseguimos encontrar nenhuma imagem que mostrasse especificamente a estrutura externa do clube durante aqueles anos. Mas abaixo, na figura 5, trouxemos uma fotografia da fachada da Sociedade Civil Picoense Clube, a fim de proporcionar que o leitor tenha uma noção de como ele é hodiernamente.



**Figura 5:** Sociedade Civil Picoense Clube, 2022.

**Fonte:** SÁ, 2022.

Na fotografia 5, pode-se observar a fachada do Picoense Clube, a qual é composta pela entrada, à esquerda, que dá acesso às dependências do clube e à churrascaria e pizzaria

Cumbuca de Barro, que funciona na instituição. Ele é todo murado e à direita ficam os portões para entrada no estacionamento e a bilheteria, na esquina da rua. O espaço é bem amplo, ao passo que é difícil conseguir abarcá-lo apenas em uma imagem.



**Figura 6:** Vista aérea do Picoense Clube, destacando sua localização, em fev. 2023.

**Fonte:** Google Maps, 2023.

Na figura 6, anexa acima, podemos analisar que a área do clube atualmente compreende metade do quarteirão, na parte esquerda, e que essa parte de baixo da imagem, sem construções, destina-se a um estacionamento para os frequentadores. Além disso, o clube fica bem próximo da Igreja Matriz, da feira, no chamado coração da cidade.

Conforme mencionamos acima, não encontramos nenhuma fotografia que mostrasse a parte exterior do clube, para termos uma noção da sua amplitude física no recorte temporal de nossa pesquisa. Mas na fotografia 7, podemos observar a concentração de pessoas no interior do Picoense Clube, durante os anos 1950.



**Figura 7:** Festa no Picoense Clube na década de 1950.

**Fonte:** PINHEIRO, 2013, p. 21.

De acordo com Marília Pinheiro (2013), a cidade de Picos não oferecia muitos ambientes de diversão para a juventude no início da segunda metade do século XX. Provavelmente por conta dessa questão, o fluxo de pessoas era mais intenso no Picoense Clube, pois a foto anexada acima nos fornece indícios que ele era bem movimentado durante as festas.

Além disso, o espaço aparentemente não era tão amplo para acolher o público que estava recebendo, porque as mesas<sup>12</sup> e cadeiras de madeira tiveram que ser organizadas de maneira bem próxima. É notável que no local os frequentadores consumiam algum tipo de bebida. Não é possível identificar exatamente qual, mas pelo formato das garrafas, podemos inferir que se tratava de cervejas.

Pela vestimenta dos visitantes, é possível perceber que se tratava de um público de classe média e alta da sociedade. Ao analisarmos a imagem, percebemos que todos os homens estão trajando terno completo. Essas roupas nos indicam que eles se vestiam assim por elegância. Nenhum dos nossos entrevistados chegou a mencionar que o ambiente contava com refrigeradores de ar na sua estrutura, e acreditamos que isso era pouco provável no início da sua fundação. E mesmo que houvesse essa refrigeração, não tinha como ela ser feita durante todo o período de funcionamento do clube, pois naquela década a cidade só contava com eletricidade

---

<sup>12</sup> Na primeira mesa à direita, é possível enxergar que ela era numerada, provavelmente para auxiliar na organização do espaço.

durante alguns períodos do dia. Então, infere-se que devia ser um calor insuportável frequentar o ambiente vestindo esses trajes.

Além disso, é interessante observarmos que não só os homens, mas todas as mulheres estão vestidas elegantemente, com vestidos, sapatilhas, a maioria de cabelos curtos e com penteados semelhantes. Ou seja, ambos os gêneros se apresentavam na sociedade de acordo com os padrões da sua classe social.

### **3.2 Lazer e sociabilidades no Picoense Clube nas décadas de 1960 a 1980**

Após trazer algumas informações sobre as origens da Sociedade Civil Picoense Clube e alguns dos fatores que proporcionaram com que a instituição começasse a fornecer suporte apropriado para a realização de diferentes eventos sociais da cidade e comemoração de datas consideradas importantes, cabe elencar que até a década de 1980 a organização do clube funcionou de forma que há cada dois anos, os sócios que estavam pagando a mensalidade corretamente votavam em uma chapa e elegiam uma diretoria que viria a administrar o clube. Atualmente, a sua organização ainda funciona de modo que a chapa a qual for eleita administra o clube por um biênio. Após esse período de dois anos, é realizada uma nova eleição para renovar a mesma diretoria (como foi o que aconteceu no ano de 2022) ou escolher novos membros para que a componham.

Sobre a questão da ausência de espaços mais estruturados e adaptados na cidade para a efetivação de determinadas festas, ela pode ser compreendida através dos relatos dos moradores a respeito das representações que eles guardam na memória sobre a urbe, durante as décadas de 1960 a 1980. Após ter contato com os depoimentos dos nossos entrevistados, foi possível evidenciar que no início do nosso recorte temporal, que corresponde aos anos de 1960, Picos ainda era uma cidade pequena e pouco desenvolvida, conforme foi discutido no capítulo anterior dessa monografia.

Somado a isso, é válido sublinhar que nos primeiros anos pesquisados os jovens possuíam algumas opções de locais para se divertirem em Picos. Mas no Bairro Centro havia apenas as praças Félix Pacheco e Josino Ferreira, principalmente a primeira mencionada, como ponto de encontro onde poderiam conhecer pessoas, interagir e até mesmo paquerar. Quem conseguisse uma namorada ia para o centro da praça para conversarem às claras, apesar do pouco tempo que tinham disponível, antes da chegada da energia elétrica na urbe.

Ademais, nas praças citadas havia alguns bares que os jovens frequentavam, no início da noite, para se divertir e flertar. Tinham os rapazes e as moças que saíam para a missa de



domingo ou então de feriado na Igreja Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, e quando esta terminava, por volta das oito ou nove horas da noite, as pessoas ficavam passeando nessas praças até às nove horas e alguns minutos, porque às dez horas, a iluminação nas vias públicas já seria apagada.

Posteriormente, com a implantação da energia elétrica na cidade piauiense de Picos, durante os anos de 1960, os espaços de sociabilidade foram ampliados. Há como exemplo o *Cine Spark*, que atraía e reunia as pessoas exibindo filmes.

Somado a isso, “(...) além do entretenimento, o cinema também proporcionava informações variadas aos seus telespectadores, através de noticiários que informavam sobre acontecimentos diversos, ações políticas do governo brasileiro e esporte, por exemplo.” (CARVALHO, 2015, p. 94).

Dessa forma, o cinema proporcionava momentos em que alguns moradores se distraíam da sua rotina, embora “Nem todos os indivíduos que moravam na cidade de Picos, naquele momento, poderiam assistir aos filmes, uma vez que a camada pobre da sociedade não tinha condições de pagar o ingresso” (OLIVEIRA, 2014, p. 78).

Além do mais, segundo os relatos orais dos nossos entrevistados, Picos cresceu muito em pouco tempo. Com isso, concomitantemente a criação do Picoense Clube, também foram surgindo outros clubes na cidade, como a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) e o Samambaia Campestre Clube.

### **3.2.1 O perfil dos frequentadores do Picoense Clube**

No que se refere às pessoas que visitavam o clube durante as décadas de 1960 a 1980, a Sociedade Civil Picoense Clube aparentemente foi frequentada por um público, em sua maioria, composto por pessoas pertencentes à classe alta e média da sociedade.

Realizando um contraponto entre os relatos orais dos nossos depoentes, assim como analisando documentos que informavam se o sujeito era sócio patrimonial ou sócio convidado da instituição, foi possível verificar uma dicotomia no que concerne ao perfil das pessoas que podiam ter acesso às dependências do clube. Sobre esta questão, um dos nossos entrevistados afirma o seguinte:

(...) no Picoense Clube tinha uma ala reservada àquelas pessoas das famílias ricas de Picos, né. E havia uma ala reservada, onde ficavam as pessoas que, embora fossem sócias do clube, não eram tão bem de grana, de dinheiro, de nascimento, porque tinha isso também, você tinha que ser bem-nascido, né. (Odorico Leal Carvalho, 2022).

Com base neste relato oral, de Odorico Carvalho, citado acima, é possível perceber que havia uma divisão social entre os frequentadores do clube, o que acabava influenciando as relações de sociabilidade neste espaço, tendo em vista que havia pouca possibilidade de pessoas ricas e pobres interagirem e criarem vínculos.

Sobre isso, o entrevistado ainda acrescenta na sua fala que não era qualquer sujeito que poderia comprar o *título de patrimônio* (documento para associar-se ao clube). Para que ele conseguisse adquiri-lo, era necessário a aprovação da diretoria que iria analisar se aquele candidato se tratava de uma pessoa digna. O próprio Odorico Carvalho, por exemplo, quando adquiriu seu título, já era funcionário do Banco do Brasil. Ou seja, já era considerado um indivíduo com um bom *status* social.

Não obstante, segundo ele, a divisão de classes sociais não era algo restrito às dependências do Picoense Clube. Ele afirma ter presenciado essa segmentação em todos os estados em que ia fazer *shows* com a banda *Os Rebeldes*.

Sobre esta questão de segregação social, o entrevistado João Pereira Filho afirma que quando foi presidente do clube em meados das décadas de 1970 e 1980, pois foi reeleito algumas vezes, realizou certas aberturas para que alguns indivíduos, que não tinham condições financeiras de pagar para entrar na instituição, também pudessem ser frequentadores dos eventos. Segundo ele:

(...) fui muito criticado nessa época que liberei mais, dei mais condições aos pobres de participar. Formava uma festa específica e deixava eles participar também, que (sic) ficava chato ficar na porta da frente, um bocado de mocinha queria brincar e não participava porque não tinha condições e eu tive que fazer certas aberturas, que hoje não existe mais isso. Pagou, entrou! (João Pereira Filho, 2022).

Sobre esse assunto, quando questionada a respeito do perfil dos frequentadores do clube durante as décadas de 1960 a 1980, Oneide Rocha fala o seguinte:

Eu lhe digo que era a classe média. A classe média de Picos. A classe média e os poucos ricos, né, porque a grande maioria era classe média, não tinha pobres lá não. Era aquela coisa: só entrava quem fosse sócio ou filho de sócio, amigo de sócio. (Maria Oneide Fialho Rocha, 2023).

Dessa maneira, como em um momento anterior da entrevista a depoente havia mencionado que nunca foi sócia da entidade, indagamos se ela só frequentava a instituição porque dois de seus irmãos eram sócios. Ela explica que “eu frequentava porque as tertúlias, os bailes de carnaval e outros bailes, eles eram abertos, todo... (não completou a fala) quem chegava lá entrava, não precisava ser sócio não.” (Maria Oneide Fialho Rocha, 2023).

Ao fazer um contraponto entre a Associação Atlética Banco do Brasil e a Sociedade Civil Picoense Clube, Mara Carvalho (2015) cita que este primeiro clube era seleta e destinava-se para a classe média alta da cidade. Ao passo que no Picoense Clube “(...) localizado na região mais central, podia-se encontrar variado tipo de público, apesar de também predominar as pessoas com melhor condição social.” (CARVALHO, 2015, p. 72). Esse trecho pode nos explicar a questão de o clube ser voltado para atender geralmente a ala alta da sociedade, à medida que não se restringia apenas a ela.

Além dos dois clubes mencionados no parágrafo anterior e em outros momentos nesse trabalho, havia o Samambaia Campestre Clube, que era outro espaço privado de sociabilidade da cidade de Picos. Segundo Alveni Vieira (2023), ele era elitizado e mais acessível para quem tinha melhores condições financeiras, pois, por ser um clube campestre, com piscinas, o preço da entrada era mais alto, se comparado aos que se localizavam na cidade. Sobre isso, ela salienta que: “(...) no Samambaia nós não conseguimos ser sócios, né, a gente achava muito caro as mensalidades... meu pai achava, e eu me revoltava porque eu também queria ir pro (sic) Samambaia” (Maria Alveni Barros Vieira, 2023).

Além disso, o Samambaia Campestre Clube provavelmente era mais frequentado por quem possuía carro, para poder se deslocar até ele. Ademais, ao analisar o depoimento oral de Alveni Vieira (2023) podemos constatar que ele era mais um clube segmentado socialmente, pois ela cita em entrevista que “(...) lá também tinha uma separação, os mais importantes tinham as mesas, nós ficávamos mais pra perto da caixa d’água (...)”. (Maria Alveni Barros Vieira, 2023).

Desse modo, é possível evidenciar que essa divisão de classes na época pesquisada não se restringia ao Picoense Clube, ela se expandia a outros clubes privados localizados na cidade de Picos, que tinham a localização distante do Centro da urbe e que o preço da entrada para acessá-lo era mais cara.

O nosso entrevistado Albano Silva guarda alguns documentos imprescindíveis para entendermos essa questão do perfil dos frequentadores do Picoense Clube. Dentre eles, está a Carteira de Sócio Convidado, datada de fevereiro do ano de 1969, que ele utilizava para adentrar nas dependências do clube. Nesse ano, ele ainda não era sócio patrimonial da instituição. Por conta disso, Albano Silva tinha acesso ao clube porque era convidado do seu irmão Ozildo Albano (*in memoriam*), o qual já portava o título patrimonial da entidade<sup>13</sup>. Nosso entrevistado

---

<sup>13</sup> Albano Silva procurou o título patrimonial do seu irmão Ozildo Albano, porém, não o encontrou nos seus arquivos.

ainda afirma que, mesmo com este título, era difícil conseguir entrar no local, porque ele era em grande medida restrito aos sócios.



**Figura 8:** Carteira de Sócio Convidado da Sociedade Civil Picoense Clube, 1969.  
**Fonte:** SILVA, 1969.

Com a imagem do documento anexada acima, podemos evidenciar que no final da década de 1960 o sujeito que não fosse sócio patrimonial da Sociedade Civil Picoense Clube, necessitava de um documento informando que ele era sócio convidado de algum membro associado à instituição. Essa carteira era exibida ao segurança do clube, que ficava na entrada do ambiente fazendo o controle de quem poderia adentrá-la. Entre as informações constantes no documento estava o nome do frequentador, a sua filiação paterna, a data em que nasceu, a sua naturalidade, a data em que o documento foi emitido, bem como a assinatura do presidente e do secretário do clube naquele ano.

Posteriormente, em 1979, Albano Silva conseguiu o título patrimonial da Sociedade Civil Picoense Clube, pois Ozildo Albano presenteou-lhe com um. Conforme relata o entrevistado, seu irmão havia prometido comprar esse título assim que tivesse oportunidade, porque observava a dificuldade que se fazia presente para ter acesso às dependências do local.

Entretanto, é válido enfatizar que, além da questão financeira que envolvia a compra do título, havia a necessidade da análise e aprovação por parte da diretoria, a qual observava se o sujeito se tratava de uma pessoa honesta, etc., conforme evidencia Odorico Carvalho. A fotografia do documento encontra-se anexado abaixo:





**Figura 9:** Título de Sócio Patrimonial da Sociedade Civil Picoense Clube, 1979.

**Fonte:** SILVA, 1979.

O título patrimonial permitia que o sócio do clube tivesse acesso aos eventos realizados no ambiente, bem como ser proprietário de uma parcela da entidade, juntamente com os demais sócios. Nesse documento, ficava informado o nome do proprietário, o número do título, a data, as assinaturas do presidente, secretário e tesoureiro, o valor que ele possuía. Ademais, era ressaltado que o sócio poderia usufruir dos benefícios constantes no Estatuto, bem como a questão da transferência do título para outras pessoas, a qual só poderia ocorrer mediante a avaliação da diretoria, que examinaria se o indivíduo estava apto a ser sócio da instituição, segundo Albano Silva.

No entanto, de acordo com o atual presidente do clube, Valdemar Barroso Silva, o perfil dos sujeitos que frequentaram o Picoense Clube, nas décadas estudadas, não era limitado. Segundo ele,

(...) era toda a sociedade que se encontrava, se integrava ali no salão de festas, ali na área externa, ali no (pensou um pouco) na quadra esportiva, porque o clube oferecia tudo que nós víamos através das redes sociais daquele tempo, que eram televisão, né, e rádio. (...) E não tinha distinção de classes sociais, nem de condições financeiras, todos eram bem-vindos dentro daquele clube, dentro das normas que eram regidas pelo estatuto do clube. (Valdemar Barroso Silva, 2022).

Acreditamos que a feitura do estatuto seja um ponto importante para entender o funcionamento da instituição durante aqueles anos. Por isso, procuramos ter acesso a ele para analisá-lo nesse trabalho e agregar à nossa pesquisa, porém, o atual secretário do clube Antônio Pereira Neto, responsável pela parte administrativa e financeira, nos informou que infelizmente esse documento não está mais nos arquivos da instituição. O que tivemos acesso é de 2018, ano que avança muito o nosso recorte temporal. Mas Valdemar Silva cita em entrevista que o

(...) estatuto era regido por normas e conceitos, né, às vezes até preconceitos porque, naquela época, para ser social tinha que desfilar no padrão de responsabilidade, viu. As famílias eram representadas pelos seus descendentes, seus jovens. Então a gente tinha muito de resguardar cada família através da educação social que a gente convivia naquela época. (Valdemar Barroso Silva, 2022).

Dessa forma, seu relato evidencia que existiam critérios e requisitos morais para que as pessoas conseguissem associar-se à instituição, a qual era uma das maneiras de poder participar das festividades realizadas na entidade durante aquele período.

Portanto, analisando os relatos expostos acima, é notável a dificuldade de definir um perfil homogêneo a respeito dos frequentadores do Picoense Clube, durante os anos pesquisados. Visto que, se era um lugar para ricos e pobres, havia uma segmentação entre eles nos espaços da instituição. E mesmo que não houvesse distinção de condições financeiras, não eram todos que tinham poder aquisitivo para ser sócio ou então que podiam pagar para entrar e, assim, ter acesso aos eventos realizados na entidade.

### **3.2.2 Práticas cotidianas e sociabilidades no Picoense Clube**

Durante o momento da realização das entrevistas, os nossos entrevistados enfatizam que o Picoense Clube foi utilizado durante os anos de 1960 a 1980 para vários tipos de eventos que eram divulgados na TV e no rádio, os quais eram os principais meios de comunicação da época. Diversos deles são mencionados por um dos nossos entrevistados, o qual afirma que:

A Sociedade Civil Picoense Clube era um ponto de encontro social, era onde acontecia (sic) todos os eventos que a cidade de Picos promoviam (sic). Tais como casamentos, aniversários, carnavais, desfiles de escolas de samba, de escolas de carnavais, né, de blocos de carnavais. E a gente tinha as festas tradicionais lá do Picoense Clube, como Noite do *Hawaii*, tinha o Baile da Saudade, tinha a Festa das Debutantes, tinha os Encontros Matinais, tinha os *shows* de domingo, tinha os *shows* de grandes orquestras, de grandes cantores que vinham à cidade de Picos, como a gente que teve a oportunidade de ver *The Fevers*, os *Paralamas do Sucesso*, *Os Rebeldes*, *Os Leões*, Fagner, Belchior, muitos artistas... Reginaldo Rossi. (Valdemar Barroso Silva, 2022).

Além das atividades destacadas também pode-se mencionar a época de São João, no mês de junho, quando eram organizadas quadrilhas para se apresentarem no salão do clube. Além disso, eram promovidas as serestas, os bailes de formatura<sup>14</sup>, as festas do final de ano, tais como o Natal e o *Réveillon*, os aniversários de casamento – há exemplo das comemorações de bodas de ouro –, às vezes eram realizados jantares, o futebol de salão, o qual também passou a ser praticado depois que foi construída a quadra. Eram feitas palestras, confraternizações, convenções, era um espaço onde colocava-se urnas, no período de eleições.

Ademais, ocorriam as chamadas tertúlias, durante dois dias na semana (nas quintas-feiras e aos domingos), e os outros eventos do fim de semana, principalmente aos sábados, porque nas sextas-feiras atrapalharia grande parte da população que trabalhava na feira<sup>15</sup> no dia seguinte, segundo Odorico Carvalho.

Oneide Rocha (2023) comenta que, às vezes, quando não tinha aparelho de som, eles (os próprios frequentadores do clube) levavam uma radiola<sup>16</sup> para a instituição, colocavam as músicas para tocar e não deixavam de se divertir nos eventos que eram realizados.

Conseguimos uma fotografia que retrata um dos eventos mencionados anteriormente, o qual foi realizado na Sociedade Civil Picoense Clube. Podemos observá-lo abaixo, na imagem 10.



**Figura 10:** Colação de grau, no Picoense Clube, 1966.  
**Fonte:** ROCHA, 1966.

<sup>14</sup> A formatura naquela época se referia à conclusão do Ginásio, no Primeiro Grau, atual Ensino Fundamental II.

<sup>15</sup> A feira de Picos, uma das maiores do estado do Piauí, hodiernamente ainda continua sendo uma atividade econômica importante tanto para os feirantes como para quem possui estabelecimentos comerciais no seu entorno, no Centro da urbe.

<sup>16</sup> Radiola é o aparelho que é conhecido em algumas regiões como vitrola. Resumidamente, ele era utilizado para tocar discos de vinil.

A fotografia 10, anexada acima, representa o baile da colação de grau do ginásio, do estudante na época José Omar Fialho Rocha, no ano de 1966. A festa foi organizada para ser entregue aos formandos o certificado de conclusão do ginásio.

Na fotografia, podemos analisar que todas as pessoas estavam bem vestidas, principalmente os convidados da festa, os quais estão sentados à mesa. É possível enxergar que o formando veste um terno, enquanto sua irmã e as duas professoras estão usando vestido, brincos, pulseiras, anéis e bolsas. Aparentemente, ainda não estavam tomando nenhuma bebida até quando a fotografia foi capturada, mas os copos já estavam em cima da mesa.

Na imagem, estão sentados, da esquerda para a direita, uma professora do ginásio no período, Célia Neiva, Oneide Rocha, que na época ainda não era professora, era a irmã e madrinha do jovem que estava colando grau. Em seguida, Ivete Cardoso, professora do ginásio, e o formando, José Omar.

As demais pessoas, as quais aparecem ao fundo da fotografia, eram indivíduos que não tinham sido convidados para o evento, mas que entraram no Picoense Clube para observar a festa, pois segundo Oneide Rocha, nessa ocasião era permitido. Esse foi o momento que ela chamou de sereno da festa.

Além desse momento denominado sereno da festa, na sua dissertação de mestrado, Mara Carvalho (2015) discorre sobre a chamada “a hora do miserável”, que era o momento em que as pessoas as quais eram menos favorecidas economicamente podiam adentrar nos eventos. Enquanto o sereno da festa era quando as pessoas mais simples, que não tinham condições financeiras para participar da festividade, ficavam se divertindo na parte de fora.

Diante do exposto, podemos evidenciar a importância que a Sociedade Civil Picoense Clube teve, fornecendo suporte físico para a realização dos mais diversificados tipos de eventos sociais e culturais da cidade. Caracterizando-se, assim, como um lugar de sociabilidades e lazer para os picoenses.

Durante os anos de 1960 a 1980 o Picoense Clube era mais movimentado durante as festas rotineiras e no final de cada mês, quando era realizado um evento no salão apenas para quem era associado com a instituição. Ele era bem frequentado nos feriados como, por exemplo, o 1º de Janeiro, o 7 de Setembro, o 15 de Novembro e os carnavais. Sobre a última festividade citada, Valdemar Silva discorre que o

(...) que aglomerava mais gente era os carnavais do Picoense Clube, né, que tinham os blocos que se desfilavam através de suas fantasias e de seus componentes, todas as noites de carnavais apresentando cada dia uma fantasia diferente para que se fossem julgados pela sua criatividade, pela sua alegria, pelo seu discernimento perante a sociedade. (Valdemar Barroso Silva, 2022).

A realização dessa festividade carnavalesca, no início da década de 1970, pode ser observada abaixo, na figura 11.



**Figura 11:** Carnaval no Picoense Clube, 1973.  
**Fonte:** PICOS DAS ANTIGAS..., 2022.

A fotografia 11 representa a apresentação do bloco *Águia Negra* na Sociedade Civil Picoense Clube, durante o carnaval do ano de 1973. A foto é composta por 45 foliões de variadas idades. Devido a data da fotografia e a consequente precariedade na qualidade de sua resolução, não é possível identificar com tanta precisão, mas aparentemente ela é composta por 20 homens, 18 crianças e 7 mulheres.

Se analisarmos a imagem podemos perceber alguns elementos expostos por Valdemar Silva no seu relato como, por exemplo, o uso de uma fantasia aparentemente igual por todos os 45 integrantes do bloco que aparecem na imagem. Ao que se pode perceber, a maioria das pessoas tinham os cabelos longos, arrumados com um penteado parecido, usando-os soltos, alguns até se apresentam com adereços na cabeça.

Sobre o bloco, Alveni Vieira (2023) sublinha que os seus participantes levavam bandeiras com desenhos de águias negras, se apresentavam durante dois dias e, a cada dia, era exibida uma fantasia diferente. Durante a entrevista, ela recorda e canta a música que esse bloco cantarolava ao entrar no Picoense Clube para se apresentar: “Águias Negras, meu bem! Águias Negras, meu bem! Queiram ou não queiram essa noite é nossa de qualquer maneira.” (Maria Alveni Barros Vieira, 2023).



Nossa entrevistada recorda de outro bloco, chamado Os Filhos do Sol. Alveni Vieira (2023) salienta que eles se apresentavam vestidos de maneira colorida, expondo bandeiras, que destacavam a imagem de um sol, cantando a música de Jorge Ben Jor “Eu sou o sol, sou eu que brilho, pra você, meu amor.” (Maria Alveni Barros Vieira, 2023).

Para além desses sujeitos que se apresentavam organizadamente nessas festividades carnavalescas, nas três décadas em estudo, havia os que iam vestidos de maneira menos incrementada, pois Alveni Vieira (2023) pontua que “A gente ia, tentava improvisar alguma fantasia, a Coca-Cola distribuía fitinhas pra (sic) colocar na cabeça, e a gente já achava que era uma fantasia.” (Maria Alveni Barros Vieira, 2023).

Portanto, podemos notar que as festividades carnavalescas no Picoense Clube eram frequentadas por um público mesclado, pois existiam os que iam arrumados e customizados, conforme o evento, mas também havia os que iam de forma mais básica e menos enfeitada.

No início do seu desenvolvimento, o terreno que foi comprado para a construção do Picoense Clube abarcava várias ruas, porque até então essa área central da urbe ainda não havia sido urbanizada e era composta praticamente por matos. E, conforme foi possível notar nos relatos, já expostos anteriormente, a estrutura física do clube foi usada para ser palco dos *shows* de bandas não só municipais, mas também nacionais. Podemos observar na figura 12 uma das apresentações da banda local *Os Rebeldes*, a qual fez muito sucesso na época.



**Figura 12:** Show da banda Os Rebeldes no Picoense Clube, c. de 1969 a 1974.

**Fonte:** CARVALHO, 1974.

Na imagem 12 podemos observar os cinco integrantes que compunham a segunda banda eletrificada de Picos, juntamente com o empresário da banda. Observando a fotografia da

esquerda para direita, o primeiro que está presente nela é Edson Maia, baterista, mora atualmente em Maceió. O segundo é o cantor e nosso entrevistado Odorico Carvalho. Na sequência está o empresário da banda na época, Pio José da Silva. O quarto componente é Floriano, baixista, o qual infelizmente faleceu em acidente de moto. O penúltimo é Antonio Bineta, guitarrista base, reside na cidade de Santo Antônio de Lisboa. E, por fim, temos o guitarrista solo Francimildo (Odorico Leal Carvalho, 2022).

Somado a isso, Mara Carvalho (2015), em sua dissertação de mestrado na qual, em suma, ela investiga aspectos da história, do desenvolvimento e das transformações picoenses durante a década de 1970, é dedicado uma parte para tratar sobre o Picoense Clube. E nesse trecho ela nos chama atenção para o fato de

(...) mesmo Picos sendo uma cidade do interior do sertão nordestino, não conseguiu escapar das influências vindas do exterior, notamos que a bateria da jovem banda picoense (Os Rebeldes) era personalizada e apresentava o nome do grupo de forma semelhante à bateria da jovem banda inglesa Os Beatles, que era das principais bandas e influência dos jovens na época. (CARVALHO, 2015, p. 71).

Portanto, ao analisar a fotografia é importante frisar essa questão da influência estadunidense e inglesa na moda e no comportamento dos jovens picoenses, pois sabemos que principalmente após a Proclamação da República, em 1889, houve uma grande influência, sobretudo, europeia no processo de modernização do país.

A respeito disso, a entrevistada Oneide Rocha fala sobre a banda *Os Leões*, que surgiu como o primeiro conjunto musical eletrificado em Picos. Segundo ela, foi essa banda quem inicialmente popularizou as músicas dos *Beatles* na cidade. Pouco depois surgiram *Os Rebeldes* e continuaram a difundir essa influência na urbe.

O nosso entrevistado Odorico Carvalho (2022), afirma que durante as décadas estudadas os eventos ainda eram realizados no salão do clube, pois o espaço ainda não possuía o grande palco coberto que tem atualmente. Porém, segundo ele, o pequeno palco, perceptível na imagem 12, construído no salão do clube, era suficiente para as bandas da época, porque elas ainda contavam com poucos músicos e um número pequeno de instrumentos.

Quando a banda estreou com uma apresentação no Picoense Clube, em 1969, ele já possuía uma estrutura para receber em torno de setecentas pessoas. E, mesmo não sendo uma estrutura de grande porte, se comparado a atualmente que comporta vinte mil indivíduos, o som dos instrumentos também funcionava bem.

Outro tipo de evento que era realizado no clube, eram os desfiles de jovens mulheres piauienses, para escolher, por exemplo, a Miss Picos, a Rainha da Juventude e a Rainha do Algodão, conforme podemos ver na imagem 13.



**Figura 13:** Desfile no Picoense Clube, década de 1960.  
**Fonte:** MUSEU OZILDO ALBANO, 1960.

Na fotografia 13, está um registro das Rainhas do Algodão da microrregião de Picos, durante a década de 1960, na Sociedade Civil Picoense Clube. O evento era realizado porque a cidade era uma grande produtora desse gênero na época. A imagem não é tão nítida, mas ao que parece a “passarela” está rodeada com algodão e as oito modelos ao centro, portando vestidos brancos, com uma faixa escrito o nome da cidade que elas representavam. Todas estão com seus cabelos soltos e, aparentemente, descalças ou não estavam usando sandália de salto alto quando a imagem foi capturada. O nome das cidades, nas faixas, está invertido, de trás para frente, por causa do efeito de luz da câmera fotográfica que não dispunha dos atuais corretores automáticos de imagens. Mas, ampliando a imagem, é possível identificar o nome das 4 primeiras cidades, da direita para a esquerda: São Julião, Pio IX, Picos e Padre Marcos.

Quanto à estrutura, percebamos que no ano da fotografia o clube já tinha ventiladores de teto. No ângulo desta foto, a maioria das pessoas que aparecem na plateia são homens, trajando terno completo. Mais uma vez podemos notar a incoerência entre a vestimenta e a climatização do espaço. Ou seja, o traje era elegante, mas provavelmente causava muito



desconforto por não haver uma refrigeração de ar. Somente os ventiladores de teto não dariam conta de refrescar aquele ambiente fechado, lotado de pessoas.

No que concerne a estrutura física do clube, Oneide Rocha descreve o que ela guarda na sua memória sobre como o espaço era em meados das décadas nas quais estamos pesquisando.

De acordo com ela:

Tinha um portão de entrada, uma pracinha, que hoje é ali onde bota as mesas. Não tinha aquela quadra, era daquela parte onde bota... (pensou um pouco) onde hoje bota as mesas, ali tinha uma pracinha, uns bancos, a gente sentava, uma grade, e entrava no salão. O salão como é hoje, do mesmo jeito, um palco lá atrás, os banheiros e uma área lá fora com uma paredinha dividindo. Tinha todo aquele terreno, mas não era uma grande área construída, mas pra (sic) mim era o melhor lugar do mundo. (Maria Oneide Fialho Rocha, 2023).

Com esse relato podemos evidenciar que o clube era pequeno, se comparado a atualmente (conforme mostramos no início deste trabalho), mas já dispunha de uma estrutura que dava para acolher os seus frequentadores e deixá-los satisfeitos com os eventos que comportava. Com o passar dos anos foram construídos outros elementos, como por exemplo, a quadra e mais banheiros. Fizeram reformas no prédio, colocaram cerâmica, pintaram, entre outros elementos para garantir a manutenção do clube.

Ainda sobre essa questão, outro depoente, João Pereira Filho (2022), diz que nos anos 1970 ele ainda seria de pequeno porte e até então ainda não havia sido murado. O entrevistado também fala de algumas modificações que foram feitas no espaço durante a década de 1970, tais como a ampliação do salão, a criação de uma quadra, a perfuração de um poço d'água e a feitura de uma entrada na entidade.

Ainda segundo o entrevistado, havia a intenção de ampliar o espaço, porém os recursos financeiros não eram suficientes. Aliás, ele menciona sobre alguns débitos que o clube acumulou em 1976.

No relato oral em que João Pereira Filho (2022) fala sobre os anos em que foi presidente do Clube, entre as décadas de 1970 e 1980, é possível notar que a instituição já passava por dificuldades, como a regularização do INSS dos funcionários. Ele menciona que, caso a situação se agravasse, poderia ser necessário vender a instituição para poder quitar os débitos que haviam sido acumulados, durante os três anos anteriores que ele assumiu o posto de presidente. Mas segundo o entrevistado, foi possível resolver esses impasses até a sua saída da presidência.

Não obstante, provavelmente problemas como a acumulação de débitos acabaram perpetuando-se e pode ter sido um dos fatores que contribuiu para a crise no clube, porque o entrevistado Odorico Carvalho (2022) afirmou que o grupo o qual decidiu reabri-lo, herdou

vários tipos de dívidas, quando resolveram reiniciar as atividades na instituição. E, somente depois de um tempo de funcionamento, elas foram regularizadas.

Sobre essa questão é importante mencionar que, segundo Odorico Carvalho (2022), foi a partir de 1980 que os sócios patrimoniais mais antigos se afastaram do Picoense Clube e este passou a funcionar não mais para continuar servindo às pessoas associadas e à sociedade, mas para acumular recursos financeiros a partir das festas que promovia. Passando a se caracterizar mais como um *clube empresa* do que como um *clube social*. Aqui, pode-se observar alguns dos elementos que possivelmente contribuíram para o período de crise da instituição.

Sobre esse período de dificuldade econômica do Picoense Clube, em que alguns sócios declararam falência, Priscila Ribeiro (2014) analisa uma reportagem do jornal *Voz de Picos*<sup>17</sup>. Segundo o que foi exposto pelo jornal, ela explica que a situação de abandono e decadência do clube, pela sua presidência, contribuiu para os impasses que ele enfrentava, bem como a possível entrada de sujeitos pertencentes à classe baixa da sociedade.

A presidência dessa época estava sob o comando de João Leal, nome pelo qual é mais conhecido o nosso entrevistado João Pereira Filho. Nesse período, ele permanecia na administração do clube porque, conforme declarou ao jornal, não foram formadas chapas para competir nas eleições, como de costume. Mais uma das suas declarações ao jornal foi a ausência do pagamento da mensalidade por alguns sócios, condição que dificultava o mantimento da instituição.

Após esta época de dificuldades, alguns empresários pensaram na ideia de recuperação do espaço, o qual estava decaindo. Então, foi feita uma assembleia geral, escolhida uma diretoria, vendeu-se 300 m<sup>2</sup> do terreno para conseguir recursos financeiros e, conseqüentemente, iniciaram a revitalização do clube. Dentre as mudanças realizadas por esses novos membros pode-se mencionar a construção de um estacionamento, um camarim para os artistas se organizarem antes e após os *shows*, e a climatização de toda a área do salão. Dessa forma, hodiernamente esse espaço de lazer continua sendo palco para a realização de atividades festivas, sociais e culturais na urbe picoense.

---

<sup>17</sup> Procuramos ter acesso a essa matéria do jornal. Porém, no Museu Ozildo Albano, os seus funcionários não se recordam sobre ela. Tentamos entrar em contato com Priscila Ribeiro através do e-mail disponibilizado no seu trabalho, no entanto, não obtivemos retorno até então.

### 3.2.3 A importância social do Picoense Clube, para seus frequentadores

Além de ser palco para as variadas comemorações discutidas no entremeio desse trabalho, foi possível evidenciar que a Sociedade Civil Picoense Clube foi espaço para as sociabilidades afetivas. Sobre isso, Alveni Vieira (2023) falou que o clube

(...) era o espaço de namoro, não podemos negar. Era o espaço que a gente ia, mulheres e homens, né, rapazes e moças, à caça, era lá que a gente ia ver se arranjava um namorado, e os meninos do mesmo jeito, ou iam passar vergonha, porque naquela época as meninas ficavam em pé de um lado, os meninos do outro, eles atravessavam o salão morrendo de vergonha, pra chamar a menina pra dançar, se ela aceitasse tudo bem, se não aceitasse ele voltava com o rabo entre as pernas pro outro lado do clube, e os amigos ainda iam tirar sarro (...). (Maria Alveni Barros Vieira, 2023).

De tal modo, quanto a importância que o Picoense Clube teve para os seus frequentadores durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, pode-se perceber que foi nas dependências daquele espaço de lazer que algumas pessoas conheceram outros sujeitos, os quais mantêm algum tipo de vínculo até hodiernamente. Como é o caso do senhor Valdemar Silva (2022), o qual afirma que conheceu a sua esposa no salão do Picoense Clube, em uma noite de carnaval.

Elemento como esse acontecia porque

As festas propiciavam os encontros amorosos entre moças e rapazes, nas quais, mesmo sob a vigilância dos pais e da sociedade, os jovens usavam de táticas para subverter o controle exercido, principalmente com práticas como o flerte. (OLIVEIRA, 2014, p. 82-83).

Conjuntamente a isso, a relevância do clube para Valdemar Silva (2022) é visível no seu sentimento de nostalgia ao falar das décadas de 1960 a 1980 com bastante apreço, valorização e saudade. E isso nos aponta algo importante, porque “A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida” (BOSI, 2003, 67). Então, podemos identificar esses elementos evidentemente no relato de Valdemar Silva:

(...) daqui uns vinte anos a sociedade de Picos não vai ter mais nenhuma história para contar porque nós já temos (sic) passado pra (sic) o lado de lá, mas a sociedade que tá (sic) hoje aí, é uma sociedade que a gente vê e assiste, mas não quer pra (sic) gente, entendeu... É um divertimento diferente, é um prazer diferente, né, que a gente não experimentou e eu acredito não tenha nenhum sentido emocional pra (sic) você se apaixonar por uma pessoa num baile desse tipo aí de Nattan<sup>18</sup>, entendeu... Mas a história é esta, entendeu, nós somos uma geração privilegiada porque nós fizemos parte da história de nossos pais e hoje estamos acompanhando a história de nossos filhos, né, mas

---

<sup>18</sup> Nattan ou Nattanzinho é um jovem cantor brasileiro que havia apresentado um *show* no Picoense Clube poucos dias antes de Valdemar Silva conceder a entrevista.

eu acredito que cada um tenha a sua consciência de fazer aquilo que gosta, né. (Valdemar Barroso Silva, 2022).

As vivências no clube também foram bastante marcantes para outro dos nossos entrevistados, o senhor Hildegardo Santos Leal, o qual afirma que foi ao frequentar o clube que conheceu sua primeira namorada, com quem até chegou a casar. E foi com essa esposa que ele teve quatro filhos.

É difícil encontrar uma pessoa que não tenha uma história bonita pra (sic) contar sobre o Picoense Clube, sobre sua vida, de como ele fez parte dessa história. Então não há dúvida de que um clube desse tem um valor absurdo, não é só o valor material, físico, o valor monetário, é o valor emocional mesmo, o valor que está gravado na mente de cada um”. (Odorico Leal Carvalho, 2022).

Com este trecho acima, do relato oral de Odorico Carvalho, percebe-se a importância que as sociabilidades desenvolvidas na Sociedade Civil Picoense Clube tiveram, durante as décadas de 1960 a 1980, para alguns dos seus frequentadores, o que faz com que eles enxerguem o espaço para além da questão financeira.

Era um local de encontro das famílias picoenses, local de comemoração. Era um espaço para festas, era um espaço pra (sic) colação de grau, é um espaço... (não concluiu a fala). O Picoense Clube tem assim um valor estimado, um valor muito estimativo mesmo pra (sic) gente, tem muito valor, ele é... faz parte da história de Picos, faz parte da juventude. Muitos começaram namorar lá, casaram, os filhos do mesmo jeito, casar e namorar. (...) e então é uma referência cultural, política e social pra (sic) o povo picoense, pra sociedade picoense. (Maria Oneide Fialho Rocha, 2023).

Portanto, podemos perceber que foi sociabilizando naquele lugar que os seus frequentadores construíram relações, as quais resultaram em alterações significativas na vida daqueles sujeitos. Além disso, por caracterizar-se como um espaço de lazer e sociabilidade, era um momento de distração para os sujeitos e uma opção de romper com a monotonia de uma rotina.

Com os elementos citados por nossos depoentes, que expõem a gama de eventos festivos realizados nas dependências da instituição, assim como as sociabilidades e afetividades por ele proporcionadas, podemos caracterizar o Picoense Clube, sob a ótica dos conceitos e discussões de Marc Augé (2012) e Ana Fani Carlos (2007), como um “lugar” para as pessoas que frequentaram-lhe durante as décadas de 1960 a 1980, pois

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É

o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007, p. 17).

Por fim, é válido evidenciar a contribuição do Picoense Clube para o desenvolvimento econômico e social da cidade de Picos. Levando em consideração que

(...) era um local de encontro social pra (sic) juventude se divertir, pras (sic) famílias se encontrarem. De qualquer maneira lá, se ia, consumia, né, consumia. Tinha que se vestir e se calçar. Então movimentava o comércio, perfume, bijuterias. As mulheres se produziam, os homens também iam direitinho. Então era um espaço referência pra (sic) cidade econômica, social, política e religiosa também (...). (Maria Oneide Fialho Rocha, 2023).

Portanto, diante dos aspectos expostos até aqui, é evidente a importância que a Sociedade Civil Picoense Clube teve para o desenvolvimento econômico e social de Picos. Tendo em vista que a população se reunia nas dependências do clube para confraternizar e, mediante as conversas que se desenvolviam no espaço, surgem propostas de aplicação de recursos. E, a partir dessa função que o Picoense Clube estabelecia de aglomerar pessoas, consequentemente também se desenvolveram ramificações econômicas no local.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no entremeio deste trabalho, é notável que a cidade não é composta somente pelo conjunto de construções produzidas pelo homem com o intuito de aprimorar a sua qualidade de vida, mas sim um local de aglomeração humana, vivências, sociabilidades e, às vezes, afetividade. E foram essas características que percebemos ao pesquisar sobre a Sociedade Civil Picoense Clube durante os anos de 1960 a 1980. Fatores os quais apontam que a instituição pode ser considerada, sob a perspectiva de Ana Fani Carlos (2007) e Marc Augé (2012), um *lugar* para os seus frequentadores.

Portanto, diante da pesquisa realizada, evidenciou-se, a partir da memória de alguns entrevistados e de outros trabalhos que versam sobre a temática, que nos anos 1960, Picos ainda era uma cidade pequena. Entretanto, principalmente a partir de 1970, iniciou de maneira mais significativa o seu processo de crescimento e urbanização.

Por conta disso, a urbe ainda não oferecia tantos locais para reunir a sociedade, sobretudo, no bairro Centro. Então, a fundação da Sociedade Civil Picoense Clube proporcionou um espaço de lazer e sociabilidade em Picos, durante as décadas de 1960 a 1980, reunindo a população durante os mais variados tipos de eventos que promovia. Possuindo, assim, grande relevância na vida de alguns sujeitos, haja vista que foi um lugar onde se divertiram bastante e muitas vezes estabeleceram vínculos que deixaram marcas indelévels na memória dos cidadãos.

Ademais, observou-se na maioria dos relatos dos entrevistados que o perfil dos frequentadores do Picoense Clube era de certa maneira restrito, haja vista que era mais acessível para os sujeitos que eram sócios da instituição, algo que não era possível para a maior parcela da população, a qual não tinha poder aquisitivo suficiente para pagar a mensalidade. E alguns dos indivíduos que conseguiam ter acesso às festividades promovidas, mesmo não sendo sócios, enfrentavam um tipo de segmentação espacial entre ricos e pobres.

Somado a isso, foi possível perceber que durante os anos 1970 o clube enfrentava alguns empecilhos e, a partir de 1980, essa crise acabou se agravando. Mas nos últimos anos foi feito um processo de recuperação da instituição e, conseqüentemente, retomada das suas atividades. Desse modo, ao longo dos anos o espaço enfrentou períodos de alta e baixa, passou por reformas na sua estrutura e hoje, mesmo que tenha ocorrido mudanças sociais e culturais, que são comuns em toda sociedade, o Picoense Clube continua a ser palco para a promoção de variados eventos na cidade de Picos.

Por fim, com a escrita desse trabalho, esperamos ter cumprido os objetivos propostos para a pesquisa e proporcionado uma concepção, dentre as múltiplas possíveis, da urbe picoense e da Sociedade Civil Picoense Clube durante os anos de 1960, 1970 e 1980, “(...) para aqueles que não estiveram na cidade do passado.” (PESAVENTO, 2007, p. 20).

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. *In: Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.* – 9 ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 71-105.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Rua: espacialidade, cotidiano e poder. *In: O lugar no/do mundo.* São Paulo: FFLCH, 2007. p. 51-59.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o lugar? *In: O lugar no/do mundo.* São Paulo: FFLCH, 2007. p. 17-20.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Repensando a noção de cidade. *In: A cidade.* – 9ª ed.; 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2015.
- CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: História, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970).** Teresina: UFPI, 2015. (Dissertação de mestrado em História do Brasil / Universidade Federal do Piauí).
- CARVALHO, Mara Gonçalves de. [Rua São José, Centro de Picos, em mar. 1960.]. *In: Picos: História, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970).* Teresina: UFPI, 2015. (Dissertação de mestrado em História do Brasil / Universidade Federal do Piauí). 1 fotografia, p&b.
- CARVALHO, Mara Gonçalves de. [Vista aérea de Picos, na década de 1950.]. *In: Picos: História, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970).* Teresina: UFPI, 2015. (Dissertação de mestrado em História do Brasil / Universidade Federal do Piauí). 1 fotografia, p&b.
- CARVALHO, Odorico Leal de. **Entrevista concedida a Eugênia de Jesus Sá.** Picos-PI, 19 jan. 2022 (via plataforma digital Google Meet). 2 arquivos de áudio, 28 min.; 11 min.
- CARVALHO, Odorico Leal de. [Show da banda Os Rebeldes no Picoense Clube, c. de 1969 a 1974]. Arquivo pessoal de Odorico Carvalho. 1 fotografia, p&b.
- DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta.** 2 ed. rev. amp. Recife: Gráf. Ed. Nordeste, 1995.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos.** 2. ed. - São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GOOGLE MAPS. [Vista aérea do Picoense Clube, destacando sua localização, em fev. 2023]. Google Maps, 1 fotografia, color.
- LEAL, Hildegardo Santos. **Entrevista concedida a Eugênia de Jesus Sá.** Picos-PI, 26 de janeiro de 2022. 2 arquivos de áudio, 20 min.; 16 seg.
- MUSEU OZILDO ALBANO. [Desfile no Picoense Clube, década de 1960]. Acervo fotográfico do Museu Ozildo Albano. 1 fotografia, p&b.
- MUSEU OZILDO ALBANO. [Prédio onde funcionou o Picoense Clube, na década de 1960]. Acervo fotográfico do Museu Ozildo Albano. 1 fotografia, p&b.



NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n10, 1993. p. 7-28.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro. **A Amélia multifacetada**: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960. Teresina: UFPI, 2014. (Dissertação de mestrado em História do Brasil / Universidade Federal do Piauí).

PEREIRA FILHO, João. **Entrevista concedida a Eugênia de Jesus Sá**. Picos-PI, 26 de janeiro de 2022. 2 arquivos de áudio, 1 min.; 20 min.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 24 de abril de 2010.

PICOS DAS ANTIGAS. [Carnaval no Picoense Clube, 1973]. In: Oh abre alas, que eu quero passar! Picos. 09 fev. 2022. Instagram: @picosdasantigas. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CZwSY7Ru\\_s/?igshid=YmMyMTA2M2Y=](https://www.instagram.com/p/CZwSY7Ru_s/?igshid=YmMyMTA2M2Y=)>. Acesso em: 05 jun. 2022.

PINHEIRO, Marília Alves. [Festa no Picoense Clube na década de 1950]. In: **Memórias do meretrício**: discursos e sociabilidades da prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960. Picos, PI: UFPI, 2013. p. 21. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí / Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – Picos-PI, 2013. 1 fotografia, p&b.

PINHEIRO, Marília Alves. **Memórias do meretrício**: discursos e sociabilidades da prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960. Picos, PI: UFPI, 2013. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí / Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – Picos-PI, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RABELO, Elson de Assis. **A história entre tempos e contratempos**: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí. Natal: UFRN, 2008. (Dissertação – Mestrado em História – Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Programa de Pós-Graduação em História)

RIBEIRO, Priscila Moura. **Juventude e Lugares de Sociabilidade na Cidade de Picos (década de 1980)**. Picos-PI: UFPI, 2014. (Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Federal do Piauí / Campus Senador Helvídio Nunes de Barros).

ROCHA, Maria Oneide Fialho. [Colaço de grau, no Picoense Clube, 1966]. Arquivo pessoal de Oneide Rocha. 1 fotografia, color.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Entrevista concedida a Eugênia de Jesus Sá**. Picos-PI, 03 de janeiro de 2023. 2 arquivos de áudio, 32 min; 4 min.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SÁ, Eugênia de Jesus. [Prédio da Rádio Guaribas, em mar. 2023]. Arquivo pessoal de Eugênia de Jesus Sá. 1 fotografia, color.

SÁ, Eugênia de Jesus. [Sociedade Civil Picoense Clube, 2022]. Arquivo pessoal de Eugênia de Jesus Sá. 1 fotografia, color.

SANTOS, Marcos Antonio Gonçalves dos. **O conceito de sociabilidade em Georg Simmel: contribuições à Sociologia da Infância.** São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021. (Dissertação de Mestrado em Educação - Programa de Pós Graduação em Educação / Universidade Federal de São Carlos)

SILVA, Albano. [Carteira de Sócio Convidado da Sociedade Civil Picoense Clube, 1969]. Arquivo pessoal de Albano Silva. 1 fotografia, color.

SILVA, Albano. **Entrevista concedida a Eugênia de Jesus Sá.** Picos-PI, 26 de julho de 2022. 1 arquivo de áudio, 20 min.

SILVA, Albano. [Título de Sócio Patrimonial da Sociedade Civil Picoense Clube, 1979]. Arquivo pessoal de Albano Silva. 1 fotografia, color.

SILVA, Valdemar Barroso. **Entrevista concedida a Eugênia de Jesus Sá.** Picos-PI, 24 jan. 2022 (via plataforma digital Google Meet). 1 arquivo de áudio, 42 min.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

USINA de Boa Esperança em Guadalupe-PI. Reportagem da TV Antena 10. **Publicado pelo canal Jackson Coelho Monteiro,** 2017. 1 vídeo. 7 min. Disponível em: <<https://youtu.be/lsZxs7-Wcu8>> Acesso em: 29 de maio de 2022.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Entrevista concedida a Eugênia de Jesus Sá.** Picos-PI, 19 jul. 2023 (via plataforma digital Google Meet). 1 arquivo de áudio, 38 min.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Eugênia de Jesus Sã,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Picaceme Clube: lazer e sociabilidades na cidade de  
Picos-PI (décadas de 1960 a 1980)  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 11 de outubro de 2023.

Eugênia de Jesus Sã  
Assinatura

Eugênia de Jesus Sã  
Assinatura